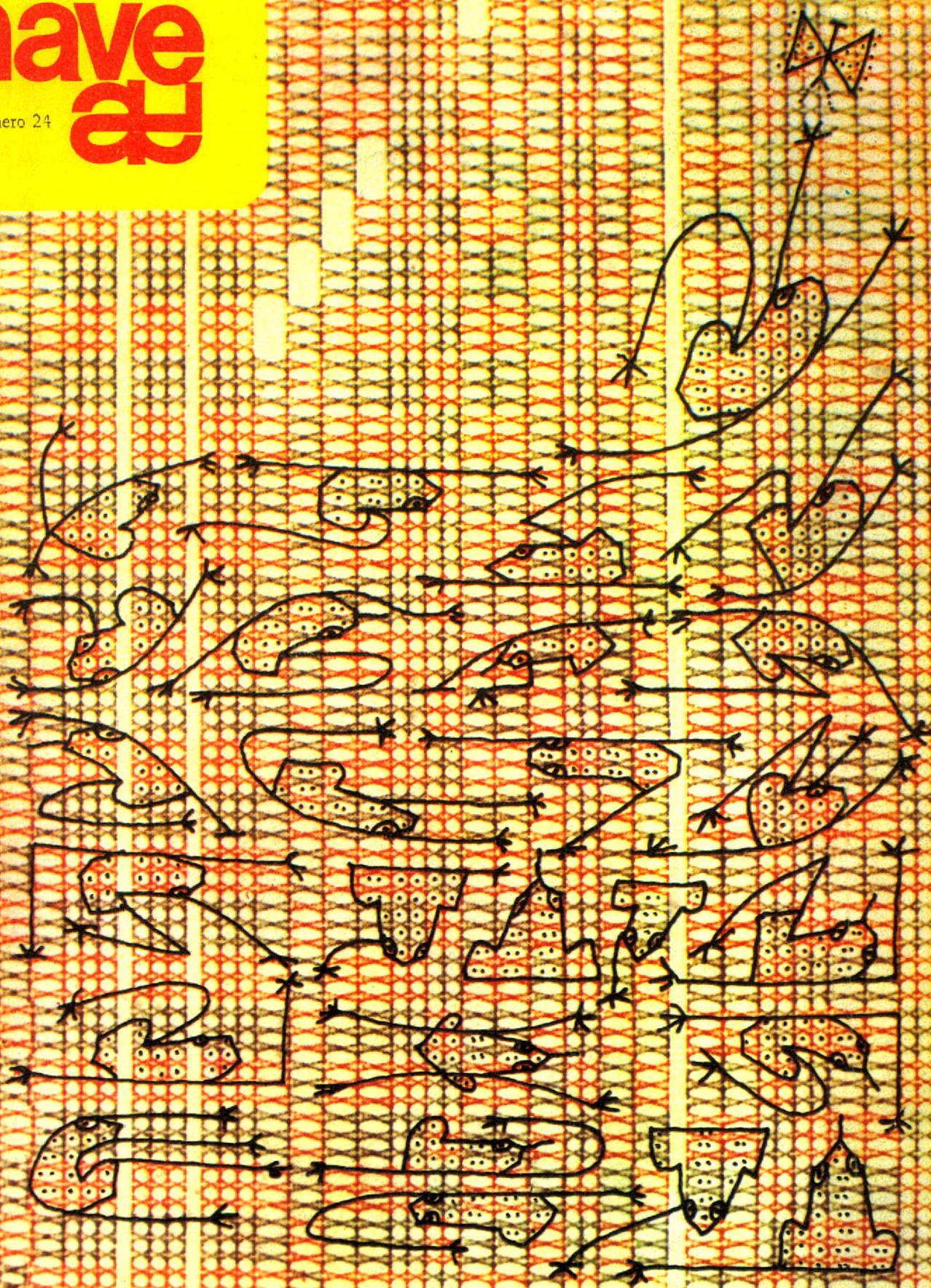


anave

Ano 4 Número 24



A photograph of a paper mill. In the foreground, several large rolls of white paper are visible, some with circular cutouts. In the background, there is a complex of green industrial machinery, including rollers and a yellow crane arm. The scene is brightly lit, typical of an industrial factory setting.

Nosso papel na comunicação

A linguagem escrita é o instrumento mais antigo e eficiente do Homem para comunicar-se com o mundo. Desde 1953, nossa principal preocupação tem sido atender à constante necessidade de aperfeiçoamento na comunicação escrita.

- Off-set Villa Rica
- Italcópia Cheque
- Papel para correspondência

E mais:

- Papel para autocopiativo químico (Carbonless Chemical Paper)
- Papel base para laminado "Fórmica"
- Papel para heliográfico
- Papel base para "couché"

Solicite nosso catálogo

grupo industrial
guatapará

refinadora paulista s.a.
celulose e papel

Rua Bela Cintra, 425. 1º. andar
CEP 01415 - São Paulo - Tels.: 257-1658
- PABX: 257-0563 - 256-2287 - 256-9080.

- EDITORIAL
- SITUAÇÃO DO MERCADO NACIONAL DE PAPEL E CELULOSE
- EVOLUÇÃO DO MERCADO DE PRODUTOS DE CONSUMO MASSIVO MEDIDA PELA DEMANDA DE CARTÕES PARA EMBALAGENS INDIVIDUAIS
- DIA UNIVERSAL DO HOMEM DE VENDA
- NOTÍCIAS DA CICEPLA
- TILIBRA 50 ANOS
- SEMANA TECNOLÓGICA DE ARTES GRÁFICAS ASSUME CARATER INTERNACIONAL
- PENA, PINCEL & CINZEL
- LIVROS
- PONTO DE VISTA

A Associação Nacional dos Homens de Venda em Celulose, Papel e Derivados tem a satisfação de prestar nesta edição da Revista Anave uma justa homenagem ao líder empreendedor que tem sido o Sr. Leon Feffer na obra pujante de promover o desenvolvimento do setor de celulose e papel do Brasil. Graças ao seu espírito ousado e realizador, a indústria brasileira de celulose e papel tornou-se independente e autônoma por força do pioneirismo que aquele ilustre industrial soube imprimir aos seus empreendimentos, abrindo oportunidades esplêndidas para o país e para as demais indústrias.

Congratulamo-nos com a Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel pela outorga, ao Sr. Leon Feffer, do Diploma de Pioneiro da Maioridade da Indústria Papeleira Nacional a que faz jus por ter sido o primeiro a fabricar celulose branqueada de eucalipto, processo sulfato, em escala industrial, no Brasil e nas Américas. Reproduzimos em folha à parte o belíssimo diploma gravado em tora de eucalipto, como a homenagem sincera que todos os homens de venda de celulose e papel lhe prestam pelas oportunidades de trabalho que o seu talento criador gerou para o setor, mormente se tivermos, ademais, que foi também a Suzanoefffer a primeira indústria no mundo a fabricar papel 100% eucalipto.

EXPEDIENTE

DIRETOR
Silvio Gonçalves

COORDENADOR GERAL
Celso A. Souto Mello

EDITOR
Paulo Amaral de Mello

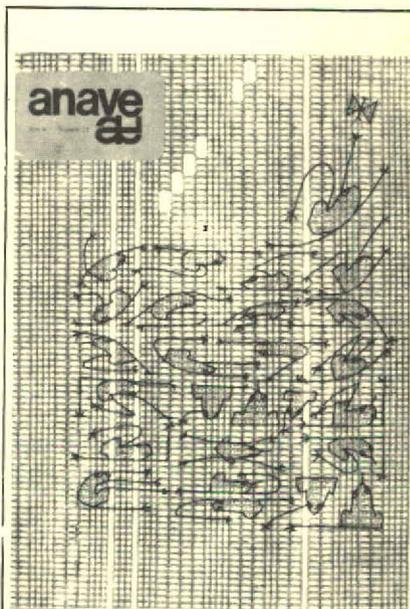
COLABORADORES
Raphael Rios
Neyde Rosa Bonfiglioli

PAPEL UTILIZADO
Simão S/A.

COMPOSTO E IMPRESSO
Escala 7 Editora Gráfica Ltda.

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Rua Espírito Santo, 28 — Aclimação
Fone: 278-0139 — SP.

TIRAGEM
4.500 exemplares, com distribuição gratuita para todo o território nacional.
Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos signatários.



NOSSA CAPA
Trabalho do artista plástico
Osmar Fonseca

DIRETORIA E CONSELHO DA ANAVE

DIRETORIA:

PRESIDENTE:

Silvio Gonçalves

VICE-PRESIDENTES:

Adhemur Pilar Filho
Roberto Lemos de Almeida

DIRETORES:

José Campos Filho
Paulo Vieira de Souza
Marco Antonio R. P. Novaes
José Tayar
José Carlos Francês
Raphael Rios
Antonio Pulchinelli

CONSELHO:

PRESIDENTE:

Francisco Silveira Prado

VICE-PRESIDENTE:

Oswaldo Ferrari

CONSELHEIROS:

Agenor Gonsaga Cesar
Alpheu Paim Júnior
Bernardo Joelsas
Ettore Barocas
Fernando Manrique Garcia
Gerson Pinto da Silva
Gildo Meneghini
Henrique Nataniel Coube
Hercules Coelho do Nascimento,
Ismar Costa Camargo
Maurício Carlos Alarcão,
Pascoal Spera
Rubens Pereira da Cunha
Solon Sucassas
Waldir Gomes
Walter Marchi Filho
Walter Rizzi
Weber Eustáquio do Monte
Werner Klaus Brass

CONSELHEIROS NATOS:

Armando Mellagi
Ciro Torcinelli Toledo
Loé Cabral Velho Feijó
Orestes Oswaldo Bonfanti
Ovidio Pimentel de Lima

CONSELHO FISCAL:

Fernando Sussena Rasga
Oswaldo Derani
Kuri Neumann

CARTAS

• “Apreciaríamos passar a receber a revista ANAVE, frentes às excelentes reportagens que vem publicando e de total interesse a nós técnicos da indústria de celulose e papel”.

Celso E. Bochetti Foelkel
Ipatinga — MG.

• “Recebemos e agradecemos o envio da revista ANAVE — ano 4 — n.º 20/21”.

Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Belo Horizonte — MG.

• “Sua revista — ANAVE — impressionou-me bastante não só pela apresentação como também pelo conteúdo. Desejaria recebê-la regularmente e assim sendo peço-lhes informar-me, etc. etc.”.

Tracy R. Moore
Olynkraft Ltda.
Igaras (Lages) SC.

• “Tenho em mãos a edição de março, abril/77, e apraz-me felicitar-lhes entre outros, pela reporta-

gem — China Berço do Papel e da Imprensa —, que vem aperfeiçoar o conhecimento histórico, evolutivo e técnico, indispensável a formação de um profissional de vendas neste ramo. Assim peço-lhes a gentileza de incluir meu nome entre aqueles que regularmente tem o prazer de receber a revista ANAVE”.

Luiz Menezes
Salvador — BA.

• “Queremos externar os nossos cumprimentos a V. Sas. pela feliz iniciativa da revista ANAVE incluir em suas páginas a seção Pena, Pincel e Cinzel, o que vem quebrar o aspecto eminentemente técnico”.

Carlos Almeida Serra
Santos — SP.

• “Apreciamos bastante o conteúdo da sua revista ANAVE n.º 20/21, gostaríamos de receber os números anteriores”.

Rodolfo Muller
Porto Alegre — RS.

SÓCIOS PATROCINADORES

ABETO EMBALAGENS LTDA.
AGASSETTE COM. E IND. LTDA.
ARTEPRATOS IND. COM. ARTF. PAPEL PAPELÃO LTDA.
CARTONAGEM FLOR DE MAIO S/A.
CARTONAGEM JAUENSE LTDA.
CHAMPION PAPEL E CELULOSE S/A.
ANTONIO A. NANO & FILHOS LTDA.
CIA. INDUSTRIAL DE PAPÉIS PIRAHY
CIA. NACIONAL DE PAPEL
CIA. SUZANO DE PAPEL E CELULOSE
CIA. TIETÊ DE PAPÉIS
CICERO PRADO PAPEL E CELULOSE LTDA.
CELULOSE IRANI S/A.
FCA. DE PAPEL E PAPELÃO N. S. DA PENHA S/A.
FCA. DE PAPÉIS FORMOSA LTDA.
FORNECEDORA DE PAPEL FORPAL S/A.
GRÁFICA L'NEL LTDA.
IND. E COM. ARTEPAPEL JABAQUARA LTDA.
INDS. BONET S/A.
IND. GRÁFICA FORONI LTDA.

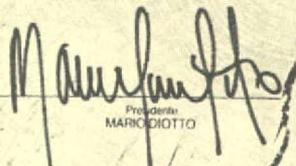
IND. DE PAPELÃO HORLLE S/A.
INDS. KLAB'N DO PARANÁ DE CELULOSE
INDS. DE PAPEL SIMÃO S/A.
INDS. REUNIDAS ALEXANDRE DERMONT LTDA.
INDS. REUNIDAS IRMÃOS SPINA S/A.
JOSÉ CASTIONI & CIA. LTDA.
KURT NEUMANN S/A. COM. IND.
LONDON PAPÉIS DE PAREDE LTDA.
MADEIREIRA MIGUEL FORTE S/A.
MADEIREIRA SANTA MARIA S/A.
NEYDE ROSA BONFIGLIOLI
PAPEL E CELULOSE CATARINENSE S/A.
PROPASA PRODUTOS DE PAPEL S/A.
REFINADORA PAULISTA S/A.
REFLORESTADORA SACRAMENTO REZA LTDA.
RIPASA S/A. CELULOSE E PAPEL
SAFELCA S/A. IND. DE PAPEL
SINCARBOM IND. COM. S/A.
SOSERVI LTDA.
WEXPEL IND. E COM. LTDA.



associação técnica brasileira de celulose e papel

A Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel, em nome das organizações associadas e de todos os seus membros, confere

ao Sr. **LEON FEFFER**, o título de
"PIONEIRO DA MAIORIDADE" da Indústria Papeleira Nacional
a que faz jus por ter sido o primeiro
a fabricar celulose de eucalipto no Brasil
e nas Américas.


Presidente
MÁRIO DIOTTO


Vice-Presidente
ALBERTO FERNÁNDEZ Y SAGASTI

Kurt Neumann

Comércio e Indústria de Papel S/A

COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO DE

PAPEIS PARA IMPRESSÃO

E

EMBALAGENS EM GERAL

PRONTO ATENDIMENTO

RUA DO GRITO, 719
SÃO PAULO

FONES

63-5121
63-5122
63-5123
63-5124
63-5125

Iniciam-se em 19 de Março de 1979 os Cursos da ANAVE

Uma boa notícia para os associados da ANAVE, para os setores papeleiros e gráfico e para as empresas e seus funcionários em geral.

A partir de 19 de março de 1979 dar-se-á início ao Ciclo Anual de Cursos promovidos pela Anave, como parte do programa de objetivos que esta Associação se propõe materializar a benefício do aprimoramento dos profissionais que militam nas empresas em geral.

No período de 19 de março a 19 de abril, duas vezes por semana, com início às 20 horas, será ministrado o *Curso sobre Técnicas de Previsão de Vendas*, com a duração de 20 horas, destinando-se a profissionais e executivos em geral interessados nos problemas da previsão das vendas, a vendedores, supervisores e gerentes ligados à área comercial.

O 2.º Curso do Ciclo Anual 1979 de Cursos da Anave versará sobre *Análise de Sistemas*, também com 20 horas de duração e será dado entre 23 de abril e 24 de maio.

Destinar-se-á a pessoas interessadas em ingressar na área de sistemas, a analista de organização e métodos e analista de sistemas.

Os cursos serão ministrados por profissionais que exercitam no seu trabalho diário as matérias a serem ensinadas. Dentre eles destacamos o Prof. Raphael Paternostro, graduado em Administração de Empresas e Ciências Contábeis, com larga experiência na área de Sistemas, Organização, Processamento eletrônico e que ocupa posição relevante em conhecido grupo empresarial; o Prof. Sidney Chaves é graduado em Engenharia Mecânica e de Produção e leciona entre outras matérias, Administração de Produção e de Materiais, é versado em técnicas de administração empresarial, pesquisa operacional, sistemas e presta serviços, em nível executivo, a uma grande empresa local.

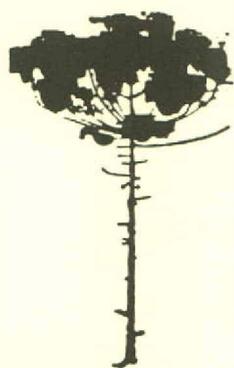
Os cursos que a Anave promoverá terão uma ampla envergadura, abrangendo não só os relativos à área de vendas e correlatos, mas também àqueles que interessam às áreas administrativas, de produção e controle, de modo a atenderem o objetivo de contribuir para o desenvolvimento profissional de todos os que trabalham no setor papeleiro e gráfico, igualmente extensível aos demais ramos de atividade.

Aguardem notícias mais detalhadas no devido tempo através de Mala Direta.

SEJA QUAL FOR O PAPEL DA SUA EMPRESA O NOSSO PAPEL ESTARÁ SEMPRE PRESENTE

PAPEL BRANCO MONOLUCIDO • DUPLEX •
DUPLEX KRAFT • PAPEL KRAFT • CAPA DE ONDULADO
KRAFT • CARTOLINA LISA E MARMORIZADA
• PAPELÃO MODELO PARDO E COURO •
PAPELÃO BRANCO PARANÁ

REPRESENTADAS: MADEIREIRA SANTA MARIA S. A. - IND. DE PAPELÃO
HORLLE S. A. - PAPELÃO SÃO PEDRO DE NELSON A.
BONET - PAPELÃO SANTA CECILIA S. A.



REPRESENTAÇÕES MELLAGI S. C.
RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 344 — 8.º AND. — C. 808
TELS.: 36-1266 — 35-8677 — 34-5492 — C.P. 7557
CEP. 01037 — SÃO PAULO

Dia Universal do Homem de Venda

A exemplo dos anos anteriores a ANAVE, por iniciativa de sua diretoria, promoveu no dia 30 de setembro p.p. um churrasco aos seus associados, comemorando assim a passagem do dia Universal do Homem de Venda.

Um local esplendido para aquela finalidade. Foi cedido — entre sombras das árvores nativas, quiosques, lagos e a paisagem agradável —, gentilmente pela diretoria do Santa Paula Country Club.

Neste ambiente festivo foi que a ANAVE homenageou, todos aqueles que militam no ramo, com a entrega de uma placa gravada, na pessoa do nosso associado Adhemur Pilar, escolhido “Homem de Vendas de 1978”, pela diretoria e conselho da ANAVE, recebendo a homenagem pelas mãos de seu filho, Adhemur Pilar Filho, fato que emocionou não só o homenageado, mas contagiou a todos os presentes.

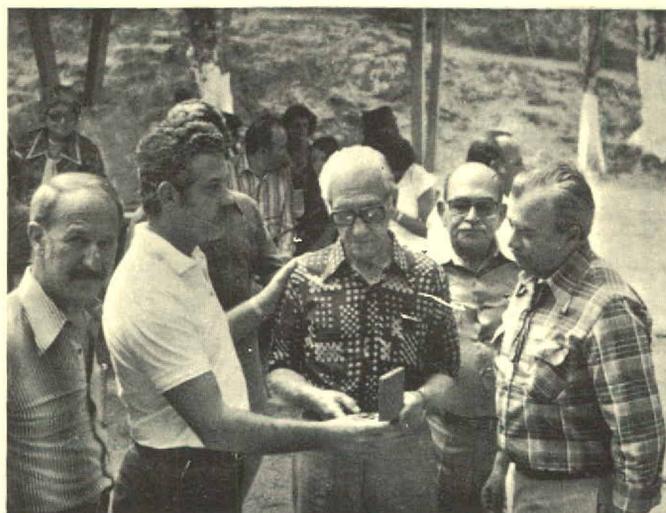
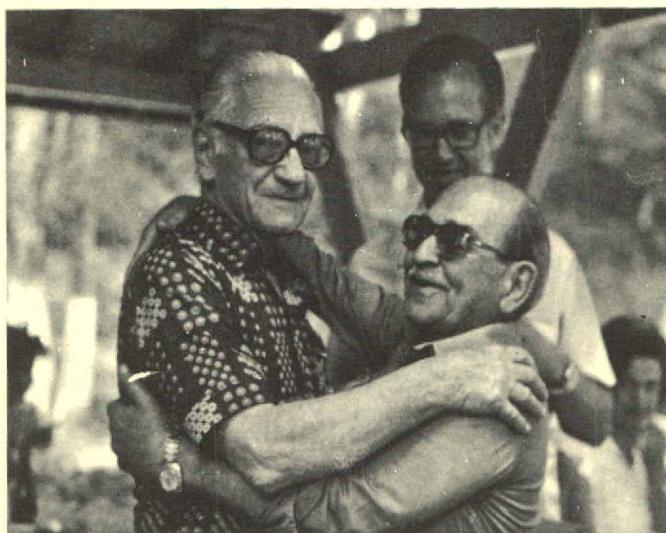
Na ocasião o presidente Silvio Gonçalves, proferiu palavras de júbilo e total apoio a destinação do prêmio, ressaltando ainda as qualidades profissionais do homenageado. Adhemur ainda visivelmente emocionado agradeceu a homenagem, ressaltando a importância do Homem de Venda na vida moderna.

Adhemur Pilar, vendedor do grupo Santista de Papel, é um exemplo profissional no ramo que com consciência profissional e satisfação milita. Esta na empresa a 53 anos, tendo inicialmente sido contador na antiga Cia. Fabril de Cubatão e desde 1950 seu representante.

Possuidor de dotes de comunicação faz de seus clientes amigos, ressaltando na profissão a importância do elo de ligação entre fabricante/consumidor.

Os anos seguidos em que exerceu com dedicação, o cargo de homem de vendas em papel, motivou seus três filhos, Marcello, Adhemur e Fernando, a trilharem o mesmo caminho e assistir com satisfação o bom desempenho e sucesso dos mesmos no ramo ao qual dedicou os vários anos de sua existência.

Uma feliz escolha e um exemplo a ser anotado por todos.



As festividades se desenrolaram, em clima de alegria e comaradagem o que já é tradicional nas reuniões Anavianas, quando os associados e seus familiares têm oportunidade de renovar o convívio amistoso que caracteriza o espírito da Associação.

Evolução do Mercado de Produtos de Consumo Massivo Medida pela Demanda de Cartões para Embalagens Individuais

Uma proporção largamente significativa dos artigos de consumo, como detergentes em pó, alimentícios, farmacêuticos, peças, etc., são embalados em unidades confeccionadas em cartões duplex e triplex.

Não obstante as diversificações de apresentação proporcionadas pela crescente disponibilidade de variados materiais de acondicionamento provenientes das áreas plásticas, que se somam ao vidro, à folha de flandres, etc., os segmentos de aplicação final tradicionalmente usuários de cartões e cartolinas mantêm-se firmemente fiéis a esta última matéria prima; de características imbatíveis nos campos acima descritos e em muitos outros.

Tanto é verdade que o consumo de cartões pode servir de indicador confiável para mensurar o comportamento setorial dos artigos de consumo massivo, embora seja digno mencionar a progressiva individualização dos artigos a granel e a consequente necessidade de seu acondicionamento unitário de varejo.

Enquanto em 1970, como se ve

abaixo, o consumo aparente de cartões e cartolinas era, no Brasil, de 134.000 toneladas, alcançava em 1977 a cifra de 292.000 toneladas, 118% de aumento, ou 15% acumulados anuais.

Observe-se o grande salto em 1974, seguido da grande queda de 1975 (a nível fábricas de cartão, pois a nível gráficas e fabricantes de bens de consumo esse pico e esse vale foram bem menos violentos). Note-se também a recuperação em 1976 e os reflexos do desaquecimento em 1977.

A demanda nacional é suprida por 70 fabricantes de cartões e cartolinas para embalagem, que englobam também os que fazem cartolinas para pastas e fichas e o papelão para encadernações e capas.

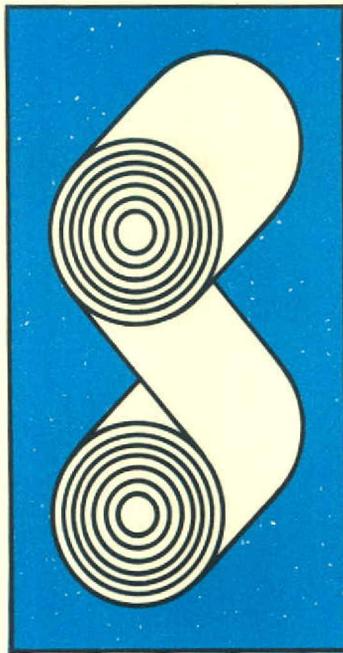
A Suzanofeffer é a empresa que lidera o suprimento de cartões para embalagens individuais, com 33% da oferta, seguida pelo Grupo Ripasa, com 19% e a Papirus, com 14%. A maior e mais moderna máquina de produção de cartões da América Latina está instalada na Cia. Suzano de Papel e Celulose, com capacidade para fabricar 300

toneladas/dia de cartões com 200 a 600 g/m².

Em recente programa de análise de perspectivas futuras para a indústria papelreira brasileira, realizado pela Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose, com vistas a iluminar as bases para os novos planos nacionais setoriais, estimou-se que o consumo aparente (a importação e a exportação são pouco significativas ainda) em 1980 chegará a 364.000 toneladas e em 1985, a 586.000 toneladas.

Praticamente, em 15 anos (1970-1985) estimam-se 337% de aumento, 21% acumulados ao ano, e um aumento per capita de 1,4 quilos para 4,2 quilos, ou seja, 200% a mais em três lustros.

1970	. . .	134.000
1973	. . .	223.000
1974	. . .	285.000
1975	. . .	220.000
1976	. . .	299.000
1977	. . .	292.000
1978	. . .	307.000
1980	. . .	364.000
1985	. . .	586.000



industrial papeleira

santa mônica

FABRICA: ALAMEDA SANTA MONICA, Nº 1
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS — ESTADO DO PARANÁ — TELEFONE: 820011

FABRICANTES DE:

CELULOSE KRAFT FIBRA LONGA
DUPLIX - COATING
KRAFT NATURAL - BASE CARBONO
PAPELÃO PARANÁ
PASTA MECANICA

REPRESENTANTES EM SÃO PAULO
PELMA S/A - COMÉRCIO DE PAPEIS

RUA GUAPORÉ, N.º 465 — PONTE PEQUENA

TELEFONES: 227-2253 — 227-8393
228-1875 — 228-5929

RIO DE JANEIRO - TEL. 234.0756

PORTO ALEGRE - TEL. 42-5418

Semana Tecnológica de Artes Gráficas assume caráter internacional

— «Iniciadas em 1971, em virtude de convênio com a ACIMGA (Associação dos Construtores Italianos de Máquinas Gráficas e Afins), as Semanas Tecnológicas de Artes Gráficas (STAGs) estão sendo agora participadas por técnicos e especialistas procedentes de vários países da Europa, Estados Unidos e América Latina, tendo assumido caráter internacional».

Assim se expressou Theobaldo De Nigris, presidente da FIESP-CIESP, em seu discurso de boas-vindas às autoridades e participantes, na solene abertura da 6ª Semana Tecnológica de Artes Gráficas, realizada na Escola SENAI «Theobaldo De Nigris», de 16 a 20 de outubro p.p.

AUTORIDADES PRESENTES

A mesa da presidência dos trabalhos de abertura foi composta pelo Prof. Pedro Senna, representante do Ministro do Trabalho; Leopold Rodés, representante do diretor-superintendente do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S/A); cel. Quirino Flório, representante do sr. Comandante do II Exército; srs. Dieter Hoelcher e François Rey Coquais, respectivamente cônsul-adjunto da República Federal da Alemanha e Cônsul geral da França; Rubens Amat Ferreira, presidente da ABIGRAF (Associação Brasileira da Indústria Gráfica) Horácio Cherkassky, representante da APFPC (Associação Paulista de Fabricantes de Papel e Celulose); Jorge Newton Besada, presidente da CONLATINGRAF (Confederação Latino-Americana de Indústria Gráfica); Clóvis Cesário de Oliveira, representante do diretor regional do SENAC; prof. Paulo Ernesto Tolle, diretor regional do SENAI, além de outros representantes de Entidades e Associações ligadas ao Ensino Técnico e ao Setor Gráfico.

ABERTURA

Representando o dr. Alberto Pereira de Castro, diretor-superintendente do IPT, o diretor do Centro Técnico em Celulose e Papel do IPT, Leopold Rodés, acentuou que, assim como, desde



os tempos de Gutenberg, o papel impresso tem sido um fator decisivo para a rápida difusão dos conhecimentos e técnicas, assim também compete à Indústria Gráfica importante missão: a de — ante a ameaça de fragmentação cultural que um desorientado progresso tecnológico poderia acarretar — atuar como uma grande força de integração cultural junto a todos os setores do conhecimento humano, contando também, para isso, com a colaboração de Instituições idôneas, que, como o SENAI, se empenham sempre mais na formação da mão-de-obra capacitada e especializada para a extensa gama do trabalho gráfico.

América Latina

Em nome da Indústria Gráfica Latino-Americana, falou Jorge Newton Besada, do Peru, atual presidente da CONLATINGRAF, felicitando os promotores da 6ª STAG pela sua organização e temário; agradeceu a generosa hospitalidade brasileira para com todos os representantes das Associações Gráficas da América Latina ali presentes, ressaltando a importância da formação de mão-de-obra para a Indústria Gráfica pelo SENAI paulista, em cuja Escola de Artes

Gráficas estudam e se formam também técnicos de vários países latino-americanos.

A CONLATINGRAF realizou sua Assembléia Geral nos dias 14 e 15 de outubro, na mesma Escola SENAI «Theobaldo De Nigris», reunindo presidentes e secretários executivos das Associações de Indústrias Gráficas dos países da América Latina, vários dos quais permaneceram em São Paulo para participar da 6ª STAG. Um dos assuntos debatidos na Assembléia Geral foi a organização e temário do próximo Congresso Latino-Americano de Indústria Gráfica, a ser realizado em 1979, em Punta del Este, Uruguai.

PROGRAMA

Como as anteriores, também esta 6ª Semana Tecnológica de Artes Gráficas teve como finalidade o intercâmbio de informações tecnológicas, através de discussões e debates, abordando os mais importantes problemas relacionados com o planejamento, produção, pesquisa, inovações técnicas e formação da mão-de-obra para a Indústria Gráfica.

Cerca de 400 pessoas entre alunos, profissionais, técnicos, empresários e estudiosos do assunto participaram do



Paul Buck e Peter Rohl (à esq.)



Lincoln Seragini e Antonio C. Prada (à esq.)



Antônio M. Ortigueira, Célio Emeriaue Agenor Jonsaga Cesar e Ronald Persichetti



Apostilas impressas, para todos os participantes.



José Vasco Simões, Rubens Germiasi e José Luiz Pereira Junior

evento, cuja programação incluiu, além de outras atividades culturais e sociais, 16 palestras técnicas, proferidas por 20 especialistas do País e do Exterior, que enfocaram, sob uma variada gama de abordagens, problemas específicos relacionados com a Indústria e as Artes Gráficas: Administração, Empresa, Produtividade, Racionalização do Trabalho, Tecnologias, Matérias-Primas, Offset, Fotografia, Foto-reprodução, Fotocomposição, Fotomecânica, Estúdios de Fotolito, Paginação, Tintas, Correção de Cores, Acabamento e Embalagem e o Futuro da Indústria Gráfica.

CONFERENCISTAS DO EXTERIOR

Especialmente convidados para participar desta 6.ª Semana Tecnológica de Artes Gráficas, seis especialistas em Artes Gráficas do Exterior, representando a Indústria Gráfica dos Estados Unidos, da França, da Itália e da República Federal da Alemanha, debateram problemas específicos ligados ao setor.

— «Expert» em reprodução fotomecânica, em cores e em branco e preto e com larga vivência junto a Empresas jornalísticas dos Estados Unidos e América Latina, **Phil Ordoño**, vice-presidente executivo da «Chemco Panamerican Inc.» (Glen Cove, Nova Iorque), procurou responder à pergunta do título de sua palestra — «Fotografia em Artes Gráficas — Qual a Direção?». Depois de apresentar as várias fases por que passou a fotografia no campo das Artes Gráficas, afirma que essa evolução não diminuirá no futuro, e que «algum tipo de câmara fotográfica ainda continuará a ser uma de nossas ferramentas».

— **Maurice Carbonier**, engenheiro francês, diretor do Laboratório Central de Impressoras do Grupo «neogravure», desenvolveu o tema «Controle de Qualidade de Tinta, Papel e Impressão Offset e Rotogravura». Para ele, um dos principais problemas reside no estudo do papel e da relação tinta papel, devendo a Indústria Gráfica possuir um laboratório para testar cada processo de impressão, como condição necessária de progresso tecnológico.

— Os técnicos italianos Pietro Chasseur e Mário Molinari confirmaram, em suas respectivas palestras, o avanço tecnológico em que se acham atualmente as Artes Gráficas em seu País.

Chefe do Departamento de Foto-reprodução do Centro de Pesquisa Aplicada no «Istituto Grafico professionale» de Verona, **Pietro Chasseur** expôs sua tese sobre «racionalização da Foto-reprodução Convencional e Fotoeletrônica (Scanner)», fundamentada em farto material demonstrativo de análise sobre esses dois sistemas falando, ao mesmo tempo, uma linguagem compreensível a todos e questionando a validade dos equipamentos modernos quanto ao aspecto econômico e suas conseqüências no plano humano. Depois de analisar alguns tópicos básicos, propôs uma solução conciliadora para o problema:

não excluir exoeriências do tipo foto-eletrônico-scanner, mas continuar racionalizando o sistema convencional da foto-reprodução, dirigido para o uso de sistemas de informação à base da elaboração de dados como suporte e não como execução.

Mário Molinari, perito industrial gráfico e professor de Tecnologia de Impressão no «Centro di Formazione Professionale Grafica» e no «Istituto Grafico Professionale» de Verona (Itália), apresentou uma conferência sobre «Escalas e Sistemas de Controle na Fotolitografia Offset». Segundo levantamento por ele efetuado, a indústria fotolitográfica europeia prefere atualmente Utilizar chapas de alumínio em substituição ao zinco, que, até 1960, era o metal usado quase que exclusivamente. O custo mais elevado da chapa de alumínio largamente compensado pelo grande poder de definição que a reprodução pode alcançar e pelo melhor equilíbrio água-tinta, superiores a qualquer outro tipo de chapa. Paralelamente a esse passo evolutivo, por substituição de matéria-prima, o setor alcançou progressos também na técnica e controle de qualidade do produto.

— Fundador e co-fundador de importantes Galerias Gráficas da República Federal da Alemanha (Frankfurt-am-Main Stuttgart e München), o professor **Olaf Leu** discorreu sobre «Comunicação Visual - Arte ou Técnica?».

Valorizando a idéia a partir de seu conteúdo, o Professor **Olaf Leu**, atualmente diretor do Estúdio Gráfico «Olaf Leu Design», em Frankfurter Westend, é de opinião que os componentes espirituais de uma realização sejam mais importantes que sua produção e condições materiais.

Para ele, «criatividade não é um acontecimento surpreendente, que, como uma faísca criativa, de repente se acende. Ao contrário, a criatividade pode ser influenciada, submetida a um objetivo e a um prazo. Para isso existem técnicas de criação; técnicas para produzir novas idéias. São sistemas de planejamento para, sistematicamente, encontrar idéias».

— «Sistemas para Correção de Cores e Paginação» foi o tema desenvolvido pelo engenheiro **Paul Buck**, também da República Federal da Alemanha.

Comparando o processamento clássico de impressão em rotogravura com o Sistema Graphicom, o autor mostra as vantagens, tanto materiais como técnicas, deste sistema.

Segundo ele, «o Graphicom é um sistema combinado de montagem eletrônica de páginas e correção de cores para Rotogravura e Offset, que, no campo da técnica da reprodução, atende às exigências de automação e eliminação de frases de trabalho».

papéis impressos em flexografia, papéis fantasia, rôttos para macarrão e biscoito, cores com largura 100 cm papéis de bobinas para folha 20, cortamos papéis de bobina para bobina de 120 cm até 10cm, papel kraft corado para plastificação material para escritórios

papéis fantasia, rôttos para macarrão e biscoito, cores com largura 100 cm papéis de bobinas para folha 20, cortamos papéis de bobina para bobina de 120 cm até 10cm, papel kraft corado para plastificação material para escritórios



AGASSETTE Com. e Ind. Ltda.

RUA CEL. EMILIO PIEDADE, 273

TELS.: 292-1309 - 292-7043 - 292-6377

SÃO PAULO

Situação do Mercado Nacional de Papel e Celulose



H. HORÁCIO CHERKASSKY

Associação Paulista dos Fabricantes de
Papel e Celulose
Associação Nacional dos Fabricantes de
Papel e Celulose
Associação Brasileira de Papelão
Ondulado

I — PERFIL ESTRUTURAL

A abertura dos financiamentos do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico — BNDE ao setor de papel e celulose representou uma das principais forças motoras deste segmento industrial, levando-o a assumir importância fundamental no contexto econômico brasileiro, como indústria integrada de capital intensivo que é, afastando-se, portanto da incipiente posição de indústria de transformação.

Os resultados advindos dessa medida são facilmente mensurados, por estarem consubstanciados na ocorrência de profundas alterações nas características estruturais desse segmento da economia nacional, que adquiriu novo perfil industrial, e no apreciável índice de crescimento da produção realizada nos últimos anos.

Em apenas quatro anos, a estrutura industrial, em termos de capacidade nominal instalada, sofreu a seguinte alteração na sua distribuição:

Quadro 1

t/dia	Nº de fábricas em operação			
	Papel		Celulose	
1 a 50	1973	1977	1973	1977
51 a 100	103	126	29	28
acima de 100	17	29	4	10
	10	15	9	12*
	130	170	42	50

(*) Dessas 12 unidades industriais em operação, 5 apresentam capacidade instalada superior a 400 t/dia.

Quando computados os projetos em execução e os programados, para o período 1977/1980, observamos novo deslocamento dessa distribuição da capacidade unitária instalada, que passará a contar com mais 5 unidades com capacidade superior a 225 t/dia de papel e 4 unidades com capacidade superior a 600 t/dia de celulose.

Presentemente é incontestável a predominância da iniciativa privada no setor; contudo, face aos elevados investimentos requeridos, tal situação poderá sofrer modificações, com ingresso de capital estrangeiro e estatal.

A tecnologia empregada na fabricação de máquinas e equipamentos é principalmente originária dos Estados Unidos, Escandinávia e Alemanha, sendo obtida através de licença ou, em caso de subsidiária aqui localizada, diretamente da matriz.

Atualmente, o grau de nacionalização desses equipamentos situa-se ao redor de 60%, existindo condições de serem exigidas taxas de nacionalização de 80% para celulose e 85% para papel, aproximadamente. A política de nacionalização de equipamentos recentemente adotada pelas autoridades governamentais tem atraído outros fabricantes, internacionalmente renomados, a se instalarem no Brasil, prevendo a criação de condições de competitividade mais saudável, em termos de preços, serviços e desenvolvimento tecnológico. A par dessa importação de tecnologia e «know-how» requeridos pela nossa indústria, merece especial destaque o desenvolvimento, no País, de tecnologia própria para a fabricação de papel com

100% de celulose de eucalipto e também os estudos e pesquisas elaborados pela Escola Superior de Agronomia «Luiz de Queiroz — ESALQ», pelo Centro Técnico em Celulose e Papel, do Instituto de Pesquisas Tecnológicas e pela Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel — ABCP, em estreita colaboração com o setor.

II — PERFORMANCE DO SETOR

A indústria de papel e celulose, em termos de produção, vem experimentando acelerado ritmo de crescimento. Os resultados obtidos em 1977 mostram um volume da ordem de 2,2 milhões de toneladas de papel, o que representou um adicional de 8% em relação ao realizado no ano anterior, e cerca de 1,5 milhão de toneladas de celulose, isto é, 17%, superior ao nível atingido em 1976.

As importações de papel autorizadas em 1977, calculadas em 280 mil toneladas, superando em 7% o volume do ano imediatamente anterior e foram compostas principalmente pelos papéis para imprensa, livros e revistas. Por outro lado, registrou-se, em 1977, um declínio de 9% nas importações de celulose para papel, em confronto com o nível verificado em 1976. Essas 52 mil toneladas foram representadas, na sua quase totalidade, pela celulose de fibra longa, branqueada. O total das importações, em termos de divisas, representou a evasão de aproximadamente US\$ 157 milhões, em condições FOB.

Quanto às exportações, ainda incipientes em relação ao potencial exportável, situaram-se ao redor de 42 mil toneladas de celulose, cujos desempenhos, em confronto com 1976, resultaram, respectivamente, em acréscimo de 32% e decréscimo de 31%.

Quadro 2
Estimativa do Consumo Aparente de Papel — 1977
(em 1.000 toneladas)

	Imprensa	Impressão/ Escrever	Embalagem	Industriais	Cartolinas
Produção	107	557	1.006	250	283
Importação (autorizada)	191	67*	6	5	11
Exportação (efetiva)	—	34	4	2	2
	298	590	1.008	253	292

(*) Resolução CPA 3053/77

Inclui papel jornal sem linha d'água, num montante aproximado de 43 mil toneladas.

Obs. Deixou-se de considerar, nos valores acima, a influência dos estoques.

A contribuição do setor, em termos de ingresso de divisas montou em apenas US\$ 41 milhões em termos FOB.

As estimativas preliminares aqui apresentadas permitem-nos calcular o consumo aparente de papel em 1977 como sendo da ordem de 2,441 milhões de toneladas, mostrando um crescimento positivo de 7,3% em relação ao ano anterior. Seu detalhamento, segundo as categorias de papel é apresentado ao lado:

Conquanto esteja o Brasil classificado entre os grandes produtores de papel e celulose situando-se respectivamente, na 11.a e 13.a posição mundial, e tenha revelado uma expressiva taxa de crescimento do consumo aparente, torna-se inexpressivo quando o indicador econômico analisado é o consumo «per capita» de papel. Isto porque o seu consumo «per capita» de papel, da ordem de 22 kg/hab em 1977, é um dos mais baixos do mundo, correspondendo a tão-somente 1/12 daquele alcançado pelos Estados Unidos.

Para as autoridades governamentais, esse baixo consumo individual torna-se um alerta para o encaminhamento das prioridades dos programas educacionais e mais equitativa distribuição de renda; para as novas expansões industriais, há necessidade não só de desenvolver novos mercados internos, como de buscar novos mercados externos.

Uma análise comparativa do desempenho do setor em relação às metas propostas no Programa Nacional de Papel e Celulose, em termos de volumes de produção e capacidade instalada, mostra-nos taxas de realização da ordem de 98% e 121% para papel e de 68% e 93% para celulose.

Conquanto a performance do setor em termos de produção venha alcançando resultados positivos, o mesmo não podemos afirmar o ponto de vista econômico-financeiro, uma vez que levantamentos realizados por amostragem evidenciam que, no período de 1973 a 1977, as empresas do setor, particularmente as pequenas e médias, registraram queda de rentabilidade, elevação do grau de endividamento e baixo coeficiente da utilização da capacidade produtiva instalada. Neste último aspec-

to é julgada conveniente a realização de um estudo prioritário, visando estabelecer o nível ótimo de utilização das capacidades instaladas, para a obtenção da conseqüente minimização de seus custos.

Os recursos aprovados e liberados pelo BNDE para os setores de insumos básicos contribuíram fundamentalmente para implantar e impulsionar importantes empreendimentos, proporcionando, em diversos deles, a auto-suficiência e, em determinados casos, criando até mesmo excedentes exportáveis.

Os desembolsos destinados em 1977 ao Programa de Celulose e Papel em valores correntes, cresceram 52% em relação ao ano anterior, passando de Cr\$ 1,498 bilhão para Cr\$ 2,280 bilhões.

Para 1978, o Programa de Desembolsos do BNDE, fixado pela Presidência da República em dezembro último, estabelece recursos no montante de Cr\$ 69,5 bilhões, dos quais Cr\$ 3,750 bilhões são destinados a Celulose e Papel, o que representa, em valores nominais, incremento de 64% em relação ao ano anterior e de 150% sobre 1976.

III — SITUAÇÃO CONJUNTURAL

A — Do setor como um todo

Sob os efeitos da crise econômica mundial eclodida em 1974, a economia brasileira procurou ajustar-se, de forma gradual, ao impacto externo causado pela substancial elevação dos gastos com petróleo e seus derivados e eliminar as fortes pressões inflacionárias dele resultantes.

De uma forma ou de outra, e com alternativas diversas, os países industrializados, premidos pela necessidade de combater uma inflação de dois dígitos e pela profunda repercussão que a alta dos preços de petróleo teve sobre a situação dos pagamentos internacionais, adotaram políticas recessionárias, objetivando combater a inflação e ao mesmo tempo reduzir seus desequilíbrios de balanço de pagamentos. A desaceleração econômica mundial então verificada reverteu a tendência dos preços das matérias-primas, cotando-os a níveis pouco superiores aos verificados em 1973.

Concomitantemente com a reversão de preços ocorrida no mercado internacional, vários projetos de instalação e/ou expansão iniciaram suas operações produtivas, ofertando, a um mercado

doméstico plenamente abastecido e equilibrado, volumes adicionais de papel e celulose.

Rompido o equilíbrio do mercado, com a oferta excedendo substancialmente a demanda, os consumidores deixaram de imobilizar grandes parcelas de capital de giro na formação de estoques, transferindo-os para os produtores.

Com uma tendência de mercado internacional francamente favorável ao comprador, e diante de uma conjuntura pouco animadora e sem perspectivas, a curto prazo, de uma reativação dos negócios no mercado interno, a concorrência tornou-se mais acirrada em termos de prazos para pagamento e concessão de descontos do que propriamente de qualidade. Face a essa prática imediatista de comercialização, vem sendo forte a pressão negativa exercida, sobre os parcos recursos financeiros próprios, obrigando os produtores a recorrerem a capital de terceiros, buscando a complementação dos aportes necessários. Como conseqüência do setor, que já era sensivelmente baixa, reduziu-se mais ainda, não se prevendo qualquer melhoria durante 1978.

Baseados em estudos elaborados, estamos propensos a afirmar que, dentre vários tipos de papel, somente os de imprimir e escrever terão, a curto prazo, condições de equilíbrio; os papéis de embalagem, bem como os artefatos de papel e, principalmente, a celulose de eucalipto (fibra curta), permanecerão ainda por alguns anos como oferta excedendo acentuadamente a demanda.

A possibilidade de absorção, pelo mercado externo, de volumes consideráveis do «superavit» de produção de celulose de eucalipto (fibra curta), requererá esforços mercadológicos de grande fôlego, pois vários fatores negativos se conjungam, tais como: desconhecimento técnico das características de nossos produtos e de suas aplicações; falta de tradição, agravada pela insegurança de fornecimento; preço CIF a nível competitivo etc.

O empenho realizado pelas autoridades governamentais, visando a expansão das exportações, através de incentivos fiscais, creditícios e outros, devem ser revigorados e talvez até modificados em sua forma, em função das negociações comerciais multilaterais do Acordo Geral de Tarifas e Comércio

(GATT), com o objetivo de evitar medidas protecionistas.

Conquanto o consumo aparente de papel venha evoluindo a elevadas taxas

de crescimento, exceção feita ao ano de 1975, registramos em toda a série a presença constante do alto índice de participação das importações e o baixo

desempenho das exportações. Equacionando as variáveis componentes do consumo aparente, encontramos a seguinte série evolutiva: (quadro 3).

Quadro 3
Evolução do Consumo Aparente de Papel — 1966 — 1977
Em 1.000 toneladas

Ano	Produção	Importação	Exportação	Consumo Aparente	
				Global	«Per Capita» (kg/hab)
1966	813	69	—	882	10,5
1969	953	157	—	1.110	12,1
1971	1.237	216	4	1.449	15,1
1973	1.587	347	42	1.892	18,7
1974	1.854	467	31	2.290	22,0
1975	1.688	204	13	1.879	17,5
1976	2.046	261	32	2.275	20,7
1977	2.203	280	42	2.441	21,6

Procuramos apresentar, no item seguinte, uma análise tendencial desse balanço, dentro das grandes classes de papel.

Uma projeção evolutiva do balanço entre a oferta e a procura de papel, no período de 1978 a 1983, é mostrada a seguir, tendo por base, do lado da oferta, os projetos em andamento e as

intenções de investimento conhecidas, e, do lado da demanda, o crescimento geométrico de 8% ao ano:

Quadro 4

Projeção do Balanço entre Oferta e Demanda de Papel — 1978/83
Em 1.000 toneladas

Ano	Oferta	Demanda	Excedente
1978	2.947	2.636	311
1979	3.151	2.847	304
1980	3.363	3.075	288
1981	3.643	3.321	322
1982	3.874	3.587	287
1983	3.959	3.874	85

B — Por Categoria de Papel

A Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose vem procedendo, em reuniões mensais de debates, a uma completa análise de mercado do

setor celulósico-papeleiro, com a revisão, em termos de avaliação do Programa Nacional de Papel e Celulose e cujos resultados representarão subsídio às autoridades governamentais encarregadas da estratégia adequada à ela-

aboração de um Segundo PNP, factível, dentro das realidades detetadas. Através do levantamento da realidade presente, busca-se evitar a repetição de investimentos superdimensionados em algumas áreas já suficientemente supridas.

Baseados nas apresentações realizadas nessas reuniões de debates, detalhamos, abaixo, o comportamento do setor, em alguns segmentos produtores:

1. Papéis para Imprimir e Escrever (exceto papel imprensa)

A evolução do consumo aparente dos papéis brancos apresentou, no período compreendido entre 1950 e 1977, o seguinte perfil:

Quadro 5

Evolução do Consumo Aparente de Papéis para Impressão e Escrever — 1950/1977 (exceto imprensa periódica)
Em 1.000 toneladas

Ano	Produção	Importação	Exportação	Consumo Aparente	
				Global	«Per Capita» (kg/hab)
1950	60,6	5,6	—	66,2	1,3
1955	73,7	14,3	—	88,0	—
1960	102,8	21,3	—	124,1	1,8
1965	147,4	7,4	0,2	154,6	—
1970	254,4	18,0	0,9	271,5	2,9
1972	379,0	62,0	22,0	419,0	4,1
1974	440,0	185,0	18,0	607,0	5,8
1975	414,0	83,0*	6,0	491,0	4,6
1976	454,0	63,0*	27,0	490,0	4,4
1977 (estimativa)	557,0	67,0*	34,0	590,0	5,2

(*) Inclui papel jornal sem linha d'água

Observações:

- Desprezada a influência da formação de estoques.
- A partir de 1973, foram consideradas as importações autorizadas.

Desconsideradas a influência da formação dos estoques e a diferença existente entre o volume das importações efetivas e as autorizadas, fatores julgados insuficientes para a invalidação

da evolução encontrada para o consumo aparente de papéis para imprimir e escrever, chegamos às seguintes taxas geométricas de crescimento, em diferentes fases do período analisado:

Quadro 6

Evolução da Taxa de Crescimento Geométrico do Consumo Aparente de Papéis de Imprimir e Escrever (exceto imprensa periódica)
Por Período

Período	Crescimento Anual %
1950 — 1955	5,86
1955 — 1960	7,10
1950 — 1960	6,48
1960 — 1965	4,50
1965 — 1970	11,92
1960 — 1970	8,15
1970 — 1973	15,56
1970 — 1976	10,34
1970 — 1977	11,68
1965 — 1975	12,25
1950 — 1975	8,35
1950 — 1977	8,42

É fato inconteste que as elevadas taxas de crescimento verificadas a partir de 1965 refletem, a contento, os programas educacionais e culturais desenvolvidos pelo Governo, em favor de uma maioria alienada do processo desenvolvimentista por que passa o País.

Dentro do atual panorama econômico nacional, com dificuldades agravadas pelo revigoramento do processo inflacionário, assumimos que a tendência de crescimento da demanda desses papéis, admitida como irreversível, apresentará de forma conservadora, crescimento médio geométrico de 8% ao ano no período 1977/1980 e 12,5% ao ano em 1981/1985.

Fazendo uso dessas estimativas de crescimento do consumo e do crescimento da produção, estimado em função dos projetos aprovados e das intenções de investimento, chegamos ao seguinte balanço:

Quadro 7

Estimativa do Balanço entre a Oferta-Demanda de Papéis de Imprimir e Escrever
(exceto imprensa periódica)
Em 1.000 toneladas

Ano	Oferta	Demanda	Excedente
1978	663	637	26
1979	705	688	17
1980	146	743	3
1981	776	836	(60)
1982	824	940	(116)
1983	866	1.058	(192)

Oferta = Capacidade instalada.

Conquanto se considere pouco provável uma variação acentuada entre os volumes aqui estimados para 1977/81 e aqueles que se venham a realizar, ressaltamos a possibilidade da entrada nesse mercado, pela oferta excedente de celulose, de outros produtores não tradicionais. Contudo, considerando a

necessidade média de 30 meses para a instalação de uma nova unidade de papel, é provável que a partir de 1981 outras intenções de investimentos hoje não programadas venham a tornar-se realidade.

2. Papéis Crepados (somente higiênicos e assemelhados)

Presentemente, uma das principais preocupações do setor papeleiro converge para a situação dos papéis crepados (higiênicos e similares), cujas dificuldades deixaram de ser conjunturais, passando a assumir contornos estruturais.

Esse segmento industrial, que desde um passado recente vem recebendo sobreposição de investimentos, sem o correspondente incremento do lado da demanda, encontra-se hoje com um excedente de cerca de 60% no nível da capacidade instalada de produção. Referido diferencial, que deverá perdurar até meados de 1980, tem forçado os fabricantes à reformulação de suas políticas de comercialização, com a introdução da prática de descontos nos preços e dilatação dos prazos concedidos para pagamento.

Face à conscientização dessa situação, reforçada pela preocupação com seu agravamento, foram reivindicadas junto

às autoridades governamentais as seguintes medidas saneadoras:

- suspensão dos incentivos fiscais para os novos projetos, exceto modernizações na conversão, bem como dos financiamentos oficiais;
- estudo detalhado de medidas que viabilizem a exportação dos excedentes;
- redução do IPI nas vendas ao mercado doméstico.

Como causa direta dos investimentos realizados nesse segmento setorial, registram-se, para o período de 1971 a 1976, significativas taxas de crescimento no consumo aparente. Esse crescimento geométrico, da ordem de 16% ao ano, pode ser acompanhado pela análise da série histórica a seguir mostrada: (Q. 9)

Quadro 8

Evolução do Consumo Aparente de Papéis Crepados (higiênicos e assemelhados)
Em 1.000 toneladas

Produção
Importação
Exportação

Consumo Aparente
Consumo «Per Capita»
(kg/hab)

1960	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
20,1	59,2	61,5	87,9	97,1	107,0	125,5	142,2
—	—	—	0,1	—	—	—	—
0,3	0,3	0,3	0,3	—	0,8	0,7	1,2
19,8	58,9	61,2	87,7	97,1	106,2	124,8	141,0
0,282	0,613	0,621	0,865	0,931	0,991	1,133	1,250

Contudo, apesar desse crescimento significativo, não alcançamos, nem sequer, 10% do consumo aparente da Europa (15 kg/hab) e dos Estados Unidos (19 kg/hab). Em estudos recentes, a Pulp and Paper International (PPI) demonstra situar-se o ponto de saturação do consumo aparente desses tipos de papéis, ao redor de 20 kg/hab.

Baseados nos projetos conhecidos e assumindo o crescimento médio anual de 13% no consumo dos papéis higiênicos e similares, podemos apresentar a seguinte evolução do balanço entre a oferta e a demanda.

Quadro 9

Estimativa do Balanço entre Oferta e Demanda de Papéis Crepados (higiênicos e assemelhados)
Em 1.000 toneladas

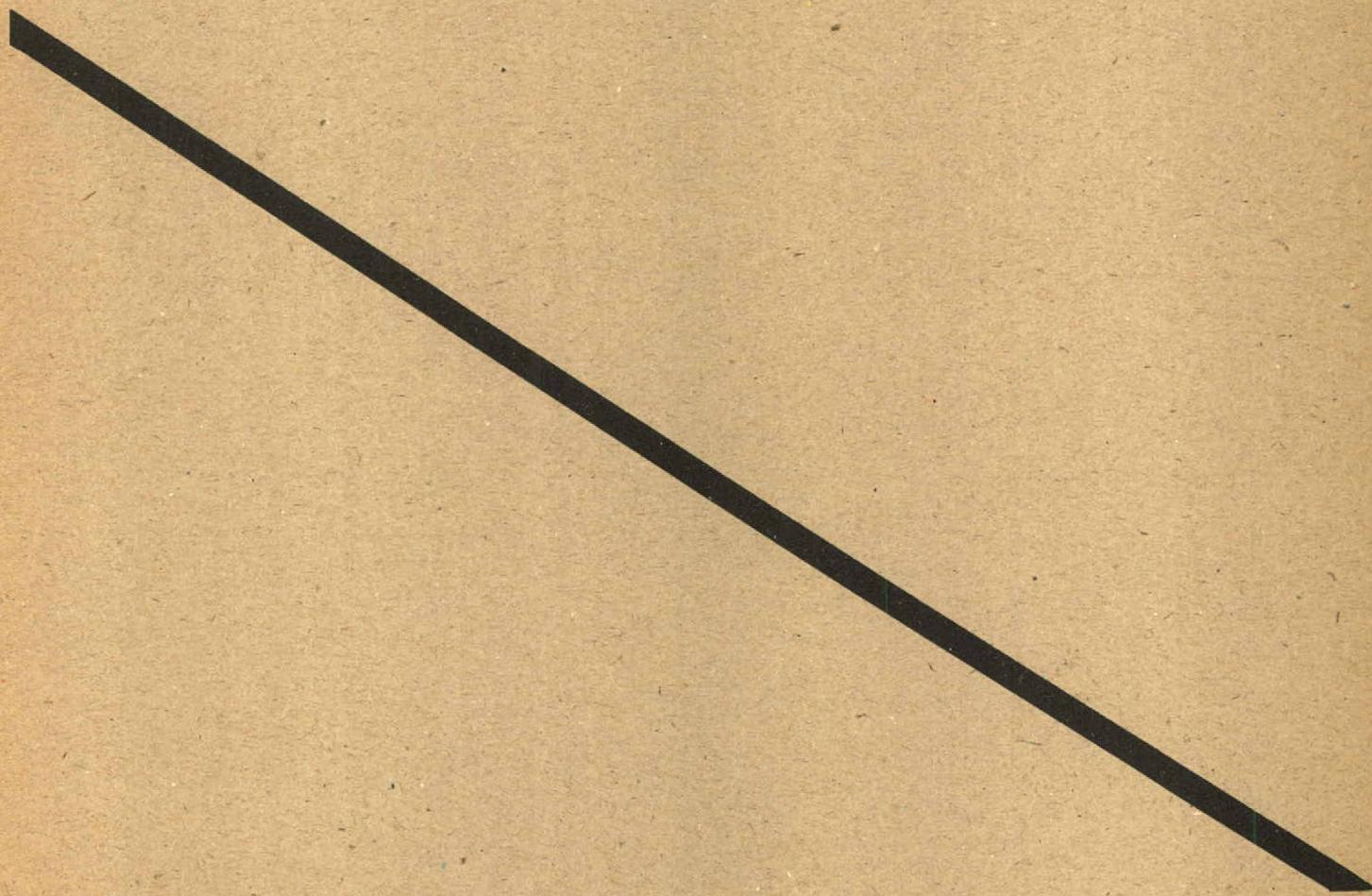
Ano	Oferta	Demanda	Excedente
1978	289	159	130
1979	301	180	121
1980	302	203	99
1981	311	229	82
1982	318	259	59
1983	326	293	33

Oferta = Capacidade Instalada

Demanda = Crescimento de 13% ao ano

O agravamento da oferta no mercado interno, decorrente da perda parcial do mercado dos países limítrofes, pela queda dos incentivos fiscais à exportação por via terrestre e pagamentos em cruzeiros, e a necessidade de se buscarem novos mercados para os produtos crepados, obrigaram os fabricantes a desenvolverem novos produtos de alta competitividade. Desta forma a segmentação do mercado por produto, após desenvolvido o hábito de consumo de novos produtos lançados, certamente tenderá a modificar-se, observando as distribuições abaixo:

AGORA...



DBC

**DUPLEX
BRANCO
COUCHE**



PAPIRUS

EM SUAS DUAS FÁBRICAS, PRODUZINDO DIARIAMENTE 170 TONELADAS DE CARTÕES E PAPÉIS, A PAPIRUS APLICA OS RESULTADOS ADQUIRIDOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE MAIS DE 1/4 DE SÉCULO.

O ALTO NÍVEL TÉCNICO, A ESPECIALIZAÇÃO O DINA MISMO DE SEUS FUNCIONÁRIOS E, AINDA, UM PERMANENTE ATEN DIMENTO, FAZEM DA PAPIRUS UM EXEMPLO NA MODERNA INDU S TRIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NO SETOR.

COM O OBJETIVO DE MELHOR ATENDER A PRODUÇÃO DAS MÁQUINAS GRÁFICAS, OFERECENDO CONDIÇÕES MAIS PERFEI TAS DE IMPRESSÃO E APRESENTAÇÃO DE CARTUCHOS, INICIOU-SE EM JANEIRO DE 1978 O PROCESSO DE REVESTIMENTO DE CARTÃO; E EIS "DBC" DUPLEX BRANCO COUCHÉ.

A CRIAÇÃO DESTES CARTÃO VEM FAVORECER, QUALITA TIVAMENTE, O CONSUMIDOR DE EMBALAGENS, SIGNIFICANDO ASSIM MELHOR APRESENTAÇÃO E MAIOR PROTEÇÃO AOS PRODUTOS FINAIS.

PAPIRUS INDÚSTRIA DE PAPEL S.A.

01452 - av. Brig. Faria Lima, 1058 - 9.º e 10.º and.

São Paulo - Telex 1125862 PAPI BR

Telefones: PBX 813-1011 vendas 212-6159

Quadro 10
Estimativa do Consumo de
Papéis Crepados
Por Produtos

Papel higiênico
Toalhas industriais
Toalhas de cozinha
Guardanapos
Lenços
Outros

1977		1985	
1.000 t	%	1.000 t	%
103,0	73,0	229,0	61,8
24,0	17,0	66,0	17,8
—	—	18,0	4,8
12,0	8,5	44,0	11,8
1,5	1,0	11,0	2,9
0,5	0,5	2,0	0,9
141,0	100,0	370,0	100,0

3. Cartões e Cartolinas

As isenções de importação, inicialmente promovidas pelo GEIPAG — Grupo Executivo da Indústria de Papel e Artes Gráficas e, posteriormente, pelo CDI — Conselho de Desenvolvimento Industrial, fizeram com que a indústria gráfica, notadamente no ramo de impressão «off-set» e rotogravura, se aparelhasse rapidamente, eliminando etapas intermediárias no seu desenvolvimento e passasse a exigir do fabricante de papel e cartão um material adequado para funcionar em impressoras de alta precisão.

Por serem os investimentos no ramo gráfico de pequeno porte, quando confrontados com as mesmas maciças aplicações requeridas para a modernização de uma fábrica de cartão ou papel, começou a surgir uma natural defasagem entre a qualidade produzida e aquela demandada pelo mercado grá-

fico consumidor. Por outro lado, também os consumidores das embalagens passaram a exigir um material sem variações na qualidade, para o bom funcionamento das suas máquinas de fechamento automático. «Pari passu» com estas exigências conseqüentes das alterações tecnológicas introduzidas, também o mercado consumidor passou a requerer produtos cada vez mais sofisticados, com brilho e grafismos elaborados. Surge, então, a tricomia na embalagem, novo apelo de venda, que passou a exigir do fabricante de cartão a aplicação do couché (em linha ou em aplicação à parte)

Com a instalação, pela indústria de papel, de máquinas modernas, a demanda interna de cartões duplex foi plenamente satisfeita, não só em quantidade, mas também em qualidade.

No segmento de mercado reservado aos papéis finos para embalagens flexíveis, travou-se a «batalha da fibra curta», eis que a participação do fibra

longa nesses papéis branqueados tornou-se cada vez mais restrita, forçando o usuário a, em alguns casos, conviver com o problema ou desenvolver soluções alternativas para contornar suas dificuldades. Hoje, praticamente, todos os papéis desta linha, com gramatura superior a 50 g/m², são fabricados com 100% de fibra de eucalipto.

Em função de sua ótima qualidade, provavelmente pelo fato de a fibra curta permitir maior uniformidade na distribuição da massa, o papel couché está se transformando no substrato mais importante do mercado de embalagens.

O «cast coated» começa a ganhar importância no mercado.

O quadro seguinte mostra-nos a rápida evolução apresentada por esta categoria de papéis — cartões e cartolinas — no período de 1950 a 1977, quando a produção apresentou crescimento acumulado a 1.000% e o consumo aparente «per capita» mais que quadruplicou.

Quadro 11

Evolução do Consumo Aparente de
Cartões e Cartolinas — 1950/1977
Em 1.000 toneladas

Ano	Produção	Importação	Exportação	Consumo Aparente	
				Global	«Per Capita» (kg/hab)
1950	25,2	N.D.	N.D.	25,2	0,485
1955	38,4	0,7	—	39,1	—
1960	53,3	0,9	0,3	53,9	0,769
1965	58,8	0,4	0,3	58,9	—
1970	126,2	7,4	—	133,6	1,435
1973	204,5	18,7	0,4	222,8	2,197
1974	264,3	21,0	0,2	285,1	2,736
1975	213,7	6,2	0,3	219,6	2,050
1976	291,1	8,5	0,8	298,8	2,714
1977	283,0	11,1	1,6	292,5	2,584

Quadro 12

Evolução Periódica da Taxa de Crescimento do Consumo Aparente de Cartões e Cartolinas

Período	Crescimento Anual %
1950 — 1955	9,5
1955 — 1960	7,2
1950 — 1960	8,5
1960 — 1965	2,4
1965 — 1970	18,4
1960 — 1970	10,4
1950 — 1975	10,0
1965 — 1975	15,4
1970 — 1975	12,3
1970 — 1977	14,6

A presente auto suficiência deste segmento produtivo aliada às possibilidades de geração de excedentes a curto-prazo, torna imperiosa a necessidade de abertura de novos mercados, tanto internos como externos. Justifica-se não só a premência de abertura de novos mercados, como também o desenvolvimento de novos produtos, diversificando o mercado, pois já se observa, nessa área, algum congestionamento ou mesmo saturação, que deverá perdurar por um ou dois anos.

À semelhança do que ocorre com as demais categorias de papel, é bem elevada a taxa de crescimento do consumo aparente de cartões e cartolinas. Essa constatação é facilmente visualizada na demonstração que segue, que considera as estatísticas apresentadas no quadro anterior.

As perspectivas de evolução desses produtos, assim como do setor como um todo, estão diretamente vinculadas ao comportamento das diversas variáveis independentes da economia. Contudo, orientados pela análise temporal das séries históricas e pelos aspectos conjunturais de âmbito setorial, hoje predominantes, chegamos ao seguinte posicionamento para o período de 1978 a 1983:

Quadro 13

Estimativa do Balanço entre Oferta e Demanda de Cartões e Cartolinas — Em 1.000 toneladas*

Ano	Oferta	Demanda	Excedente
1978	363	307	56
1979	270	331	39
1980	372	364	8
1981	372	400	(29)
1982	372	440	(68)
1983	372	484	(112)

4. Papéis para Embalagem

O mercado brasileiro de papéis para embalagem tem-se apresentado equilibrado, desde o início da década de 1950 até a presente data, não se registrando, nesse período, diferença sensível entre produção e consumo aparente, excessão feita dos anos de «boom».

Vemos, abaixo, o crescimento da produção de papéis para embalagem no período 1950-1977, assim como sua projeção para os anos 80 a 83. (quadro 13).

Podemos observar que a produção, que em 1959 era de apenas 116 mil toneladas, superou a marca de 1 milhão de toneladas em 1977. O crescimento médio anual, de 7,5% registrado na década de 1950, passou a 7,9 na década de 1960 e atingiu a marca de 10,3% no período de 1970/77. Essa taxa de crescimento deverá ser mantida nos anos seguintes (10,2% ao ano em 1970/80), sofrendo no triênio 1980/83, quando chegará a 11,3% ao ano.

Se por um lado o consumo aparente de papéis para embalagem praticamente acompanhou a evolução da produção até 1977, o mesmo já não pode ser esperado para os anos próximos, pois, enquanto o crescimento vegetativo do consumo de papéis (mormente de embalagem) tem estreita correlação com a evolução econômica do país, medida

em termos de Produto Interno Bruto, a capacidade de produção tem sido incrementada por importante investimentos da indústria privada, com o apoio do BNDE, atendendo às prioridades estabelecidas no II PND, que destinou à indústria de papel e celulose o segundo maior investimento dentre os 8 insumos básicos eleitos para alcançar a auto-suficiência nacional até 1980.

Quadro 14

Produção de Papéis para Embalagem Em 1.000 toneladas

Ano	Para Sacos	Para Caixas	Outros	Total
1950	23	15	78	116
1960	70	58	112	240
1970	103	196	212	511
1977*	211	512	283	1.066
1980**				1.351
1983**				1.863

Enquanto a oferta de papéis para embalagem estará crescendo numa média anual de 10,7% no período de 1978/83, alcançando em 1983 a marca das 1.860 mil toneladas, a demanda, deverá evoluir a uma taxa mais modesta, de 6,8% ao ano, chegando ao nível de 1.460 mil toneladas naquele mesmo ano.

A colocação desse significativo excedente de 400 mil toneladas dependerá da conquista de novos mercados o que poderá ocorrer através da substituição de produtos concorrentes, e também por via de exportação para o mercado mundial. Ingentes esforços vêm sendo desenvolvidos visando a introdução da sacaria multifolhada de papel kraft na embalagem de produtos alimentícios, destacando-se açúcar e farinha de trigo, pois a sacaria de papel poderá reduzir a 40% o valor do atual custo do acondicionamento nas embalagens convencionais e obsoletas, como o algodão e a juta. No ano de 1979, o atendimen-

to desses dois mercados representará, se conquistados, a absorção de cerca de 100 mil toneladas de papel kraft.

Os papéis para caixas onduladas representam o segmento de papéis para embalagem com maior índice de crescimento desde 1950, que foi de 14,5% ao ano na década de 1950, 12,9% na década de 1960 e 14,7% no período de 1970/77. É também um dos segmentos onde se projeta maior crescimento nos próximos anos, ou seja, 10,7% ao ano no período 1977/83.

O mercado de caixas, de papelão ondulado, com demanda derivada dos segmentos industriais atendidos, também tem crescido pela conquista de novos mercados, pela contínua substituição de materiais concorrentes, como a madeira. Esforço mercadológico conjugado vem sendo desenvolvido pelos fabricantes de caixas, a fim de ser assegurada sua penetração na embalagem dos produtos hortifrutigranjeiros. As vantagens comparativas apresentadas por esse tipo de embalagem em relação ao de madeira vêm consolidando sua posição nos mercados já tradicionais, bem como aumentando sua penetração na embalagem dos produtos de exportação.

C. Celulose

O desenvolvimento tecnológico da celulose de eucalipto (fibra curta), com sua consequente aplicação industrial, através da implantação de unidades destinadas à fabricação desse produto, provocou um deslocamento na participação das importações como variável integrante da composição do consumo aparente. Observou-se pois, decréscimo substancial nos níveis importados, sendo que, nos dias atuais, as quantidades adquiridas do mercado externo são representadas pela celulose de fibra longa, branqueada.

A simples análise do quadro (Q. 15) mostra-nos a evolução dos componentes do consumo, no período de 1966 a 1977.

Quadro 15

Evolução do Consumo Aparente de Celulose — 1966-1977 Em 1.000 toneladas

	Produção	Importação	Exportação	Consumo Aparente	
				Global	«Per Capita» (kg/hab)
1966	452	14	17	449	5,3
1969	562	25	27	560	6,1
1971	722	69	33	758	7,9
1973	972	122	189	905	8,9
1974	1.130	174	133	1.171	11,2
1975	1.190	80	152	1.118	10,4
1976	1.254	57	138	1.173	10,6
1977	1.410	52	95	1.427	12,6

Baseados na capacidade nominal e nos projetos em andamento e/ou programados, podemos projetar a oferta de celulose nos anos 1978 a 1983. Admitindo-se como constante e igual a 0,63 o coeficiente técnico de utilização de celulose na produção de papel, chegamos aos níveis da demanda de celulose, no período supracitado.

Quadro 16

Estimativa do Balanço entre Oferta e Demanda de Celulose — 1978-1983 Em 1.000 toneladas

Ano	Oferta	Demanda	Excedente
1978	1.357	1.857	500
1979	2.816	1.985	831
1980	3.224	2.119	1.105
1981	3.398	2.295	1.103
1982	3.679	2.441	1.238
1983	3.942	2.494	1.448

Face ao acentuado incremento havido na produção de celulose, notadamente de celulose de eucalipto (fibra curta), incremento este com vistas à conquista de mercados externos, não vemos condições de absorção, domesticamente, do adicional de celulose que estará sendo lançado no mercado. O equilíbrio somente será conseguido mediante a exportação de apreciável volume de celulose, ação esta para a qual estamos e estaremos canalizando nosso esforço mercadológico.

Podemos dizer que a utilização da celulose de eucalipto (fibra curta) na produção de papéis de imprimir e escrever é uma fatalidade econômica, por parte dos importadores, embora desconhecida no exterior, pois no Brasil o eucalipto cresce em apenas 6 anos, quando em outros países requer mais tempo.

Não há dúvida de que, a médio e

longo prazo, a celulose de eucalipto (fibra curta) será a de maior uso para a fabricação de papel em todo o mundo. Com a recuperação do mercado e digestão dos estoques internacionais, será possível, com a elevação dos incentivos fiscais à exportação, introduzir o produto brasileiro no exterior, difundir nosso «know-how» e criar uma tradição de país exportador de celulose.

A comercialização da celulose brasileira, de eucalipto, na Europa, foi um dos «casos» estudados durante o «Seminário sobre Assuntos Estratégicos da Indústria de Papel e Celulose», que o CEPED — Centro de Pesquisa e Desenvolvimento, em convênio com a ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, fez realizar em Atibaia, SP, nos últimos dias 14 e 15 de abril. Dentro da dinâmica de realização do referido encontro, um dos Grupos de Trabalho formados para análise e apreciação do tema, e que contou com este palestrante entre seus elementos componentes, após detalhado estudo das suas variáveis endógenas e exógenas, apresentou a seguinte estratégia mercadológica como sendo a mais indicada e viável para a consecução dos objetivos propostos:

PRODUTO

1. Especificações
 - variações de qualidade
 - variações de tipos
2. Entidade oficial garantindo classificação e qualidade correspondente.
3. Trabalho preliminar no sentido de afunilar as variações presentes, estabelecer padrões enquadráveis no mercado comprador.

TRANSPORTE

Estudar alternativas e experiência canadense (costa Pacífico).

DEPÓSITOS

Depósitos situados em pontos estratégicos, com o objetivo de sustentar entregas permanentes.

COMERCIALIZAÇÃO

- Centralizada em organismo nacional.
- Escritórios regionais de venda.
- Assistência técnica especializada no uso da celulose de eucalipto brasileira (permanentemente sediada na Europa).

POLITICA DE VENDAS

Inicialmente, concentrar nos mercados mais convenientes, para futuro desdobramento.

PREÇOS

Acompanhamento do mercado.

FINANCIAMENTO

- Depósitos
- Valores exportados
- Estoques no Brasil e depositados no exterior
- Limitação nas correções monetárias
- Financiamentos especiais para custos adicionais, durante o período de introdução.

Para a exportação da tecnologia brasileira de celulose de eucalipto, o setor já conta com o suporte técnico do Centro Técnico em Celulose e Papel, do IPT — Instituto de Pesquisas Tecnológicas, que gerará dados técnicos que permitam apoiar a introdução mercadológica deste produto brasileiro no exterior.

CICERO PRADO

PAPEL E CELULOSE

- FLOR POST — 30 grs.
- CRISTALITE — Impermeável — Diversas cores
- ORECIC — Bristol especial — Massa compacta
- CARTÃO ALFA — Duplex e Triplex — 210 a 600 grs
- KRAFT NATURAL — 20 grs. — One time carbon
- MONOLUCIDO — 30 a 80 gramas

DIVERSAS LINHAS DE PAPÉIS PARA FINS INDUSTRIAIS

Endereço Comercial

Av. Rio Branco, 1675 — Fones

220-14-22
220-12-69
220-17-98
220-10-61

Cx. Postal 7727 - End. Teleg. Cicerprado

Quando nos deparamos com o
problema de aparas de
papel e papelão, um nome
está sempre presente

JOELSAS

APARAS DE PAPEL LTDA.

DEPÓSITO: Av. Guilherme, 900

FONES: 92-4504 - 92-2122

Além de ter sempre uma solução
imediata para o seu problema de
compra e venda de aparas, oferece
as melhores condições
do mercado. É uma empresa que
contribui para o engrandecimento
do país no esforço da economia
de divisas e colabora decididamente
com a ecologia através da reciclagem.

**COMPRA-SE QUALQUER TIPO DE APARAS DE TIPO-
GRAFIAS, REVISTAS, CARTÕES, HOLERITH, PAPEL
VELHO ETC.**

**RETIRAM-SE ARQUIVOS DE BANCO. DESTRUÇÃO
IMEDIATA. PAGA-SE O MELHOR PREÇO DA PRAÇA.**

MATERIAIS TIPOGRÁFICOS

E

CARTONAGEM

SULFITE — SUPER-BOND
— FLOR-POST — OFFSET —
CHAMBRIL — CHAMPION BOND
— WESTER-POST — TELADO —
COUCHÊ — COUCHÊ TELADO —
EMBOSSADO — MONOLUCIDO —
JORNAL — CARTÕES
— CARTOLINA —
— CARTOLINA DUPLEX — TRIPLEX

ENVELOPES —

— PAPELÃO: PARDO, PARANÁ
E COURO.

**PAPÉIS PARA EMBALAGEM EM BOBINAS
E FORMATOS "PAPÉIS KRAFT"**

H.D. — MACULATURA — MANILHA —
MANILHINHA — KRAFT PURO
— SEMI-KRAFT — KRAFT CREPADO

PAPEL DE SEDA

PAPÉIS IMPERMEÁVEIS — TECIDO INGLÊS
— PAPEL ONDULADO EM BOBINAS.

**REBOBINAMOS, PAPEL
PARA PLASTIFICAÇÃO
E OUTROS FINS
EM DIVERSOS TAMANHOS**

FORPAL

Fornecedora de Papel Forpal S.A.

"Distribuidor CHAM-EX"

COMPRA VENDA E DEPÓSITO:
Rua Euclides Pacheco, 483 — Tatuapé
Fones: 296-5866 — 296-0714 — Diretoria
Novos Telefones: 294-3233 (PBX) e 294-3111 (PBX)
Séde Própria



TILIBRA

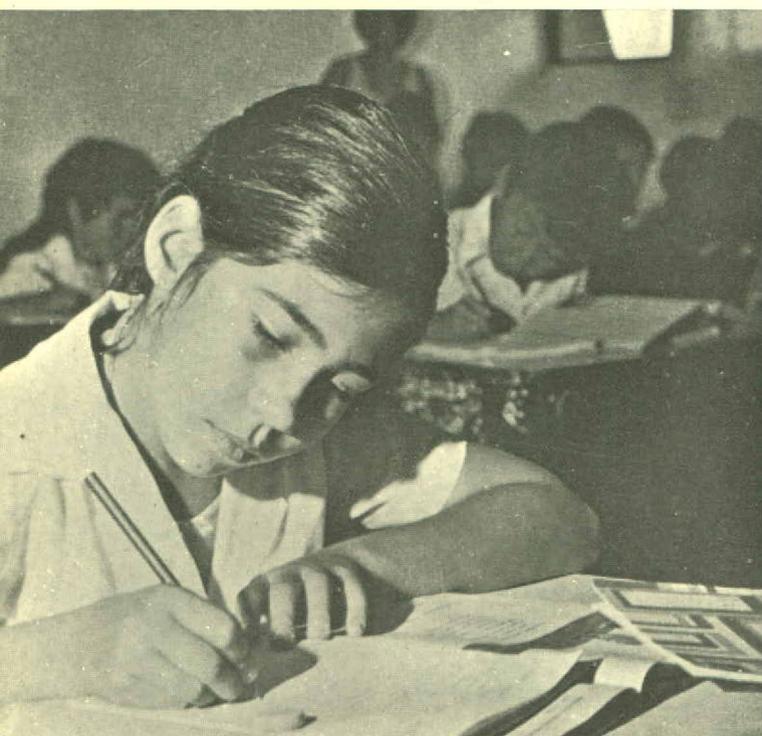
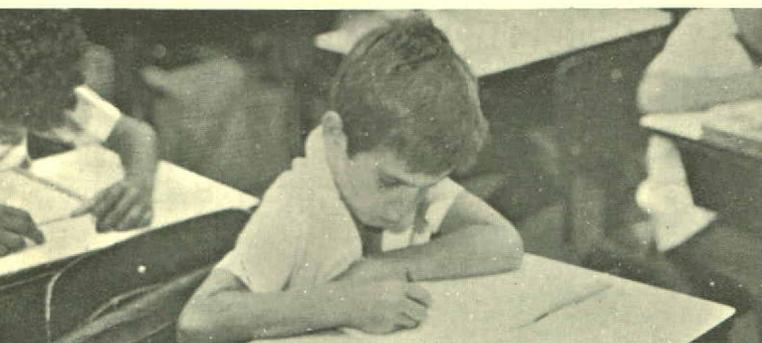
Estas são as melhores imagens que podemos ter da TILIBRA no seu Jubileu de Ouro. A criança e a escola.

Ao longo de muitos e muitos anos, a TILIBRA marcou presença nos bancos escolares de todo o Brasil e ainda em muitas gerações se fará presente.

Fundada em 1928 por João Batista Martins Coube, a "Typographia Brasil", firma individual, transformou-se em 1944 na empresa "Tipografias e Livrarias Brasil S/A.", a primeira sociedade anônima constituída na cidade de Baurú.

João Coube, durante 42 anos, dirigiu os destinos da TILIBRA. Nascido na cidade fluminense de Macuco, no início do século, viveu numa fazenda sua infância e adolescência e já aos 16 anos estava trabalhando em Botucatu, Estado de São Paulo.

Aos 18 anos fixou-se definitivamente em Baurú, onde começou trabalhando no ramo de tipografia e papelaria, chegando logo a gerente, cargo alcançado em virtude de seus largos méritos de homem dedicado ao trabalho e de grande visão comercial.



50 ANOS



Desligou-se da Tipografia Comercial no ano de 1928, estabelecendo-se por conta própria com a empresa que este ano completa meio século de existência.

De tal forma progrediu a TILIBRA que, os 18 contos de réis que constituíram o seu capital inicial, hoje, 50 anos depois, transformaram-se em 150 milhões de cruzeiros.

Em 1971 adotou a denominação atual de TILIBRA S/A Com. e Ind. Gráfica, abrigando hoje em seus quadros 1.200 funcionários, sob a direção segura dos quatro filhos do casal João Coube e Carmem Carrizo Coube: Henrique, Edmundo, Rubens e Sérvio.

Hoje é uma das maiores Indústrias Gráficas do Brasil. Ocupa uma área construída de 25.000 m². Estendeu-se com filiais pelas cidades de Adamantina, Campinas, Lins, Marília, Pirajuí, São José do Rio Preto e São Paulo (Capital).

Seu faturamento no ano de 1977 foi de Cr\$ 341.273.000,89, devendo este ano atingir a casa dos 500 milhões de cruzeiros.

O consumo mensal de papel gira em torno de 1.000/1.200 toneladas, para uma produção de 4 milhões de cadernos, além de 300 mil livros fiscais. Sua previsão para o próximo ano é atingir a casa dos 6 milhões de cadernos.

RUMO AO EXTERIOR

A capacidade de produção atual da TILIBRA, coloca-a num plano que vem se tornando pioneiro no mercado gráfico-industrial brasileiro: a exportação.

Nos últimos 10 meses, foram feitas 4 exportações de cadernos e papel pautado com destino a países da América Latina e Oriente Médio, cuja boa receptividade já se manifestou no interesse de novos contratos.

Nos Estados Unidos, contatos já foram realizados com a presença, naquele país, de dois diretores da empresa. E em setembro de 1978, a TILIBRA participou, como exportadora, na FEIRA INTERNACIONAL DE PRODUTOS DE NEW YORK, sob os auspícios do Itamarati.

Neste importante acontecimento, foram mantidos contatos com grandes empresários norte-americanos, sendo distribuídas amostras e havendo já orçamentos em execução.

Ao que tudo indica, as portas para a exportação dos produtos TILIBRA estão conquistadas.

PAPEL E ENVELOPE

AGORA TEM NOVO ENDEREÇO EM
SÃO PAULO

GRETISA S. A. FÁBRICA DE PAPEL
E
CIA. TIETÊ DE PAPEIS

TRANSFERIRAM SEUS ESCRITÓRIOS PARA A
AV. LACERDA FRANCO, 1581 - ACLIMAÇÃO

VENHA NOS VISITAR, OU TELEFONE PARA

549-6101 - 549-5048 - 549-6398



2.ª ASAMBLEA
GENERAL ORDINARIA
27 A 29/11/1978
RIO DE JANEIRO/BRASIL

CICEPLA

ATA DA II ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA
REALIZADA NO RIO DE JANEIRO

Na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, nos dias 27, 28 e 29 de Novembro de 1979 foram realizadas a II Assembléia Geral Ordinária e a III Assembléia Geral Extraordinária da Confederação Industrial de Celulose e Papel Latino-Americana — CICEPLA com a presença dos delegados das entidades representativas da indústria de papel e celulose dos países latino-americanos que integram a CICEPLA.

A seção inaugural foi presidida pelo Conselho Diretor da CICEPLA, constituído pelos Srs. Samuel Klabin, presidente, Jesus A. Guevara, Vice-Presidente, Jorge A. Aceiro, Conselheiro e Ernesto Ayalc. Oliva, Vogal.

A seção contou com a presença do Sr. Max Feffer, Secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo, o qual saudou a CICEPLA invocando a sua condição de homem integrado ao setor de celulose e papel.

Foi lida a mensagem enviada pelo Sr. Benedito Moreira, Diretor da Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil, bem como a mensagem do Sr. Ramon de Ycasa Cocalon, da Papeleira Nacional S/A. do Equador, as quais passam a integrar como anexos a presente ata.

Durante o ato inaugural usou da palavra o Sr. Samuel Klabin, que deu as boas vindas aos delegados presentes e declarou abertas as Assembléias, ressaltou a importância da CICEPLA como instrumento de aproximação regional, manifestando que «a economia papeleira dos países latino-americanos não poderia encerrar-se em compartimentos estanques, como se não vivessemos em um único continente, e sim em um conjunto de países ilhados.»

Expressou ainda sua opinião favorável a modificação dos estatutos, para dar um prazo maior ao período de mandato do Conselho Diretor e oferecer condições de exercer com maior produtividade suas funções.

A seguir usou da palavra o Sr. Jorge A. Aceiro, da Argentina agradecendo a hospitalidade dos organizadores da Assembléia, fazendo ao mesmo tempo apelo ao Sr. Samuel Klabin que não interrompesse sua sua gestão à frente da CICEPLA e aceitasse permanecer no cargo por mais um ano.

No transcurso da II Assembléia Geral Ordinária foram prestadas informações e recomendações das comissões: I) Legislação e Promoção Florestal, II) Estatísticas e Produção, Intercâmbio e Acordos, III) Política de Desenvolvimento Industrial, IV) Preservação do Meio Ambiente, V) Análise e Desenvolvimento do Mercado de Celulose e Papel, que foram aprovadas segundo o anexo desta Ata.

Durante a realização da III Assembléia Geral Extraordinária ficou resolvida a modificação dos Estatutos da Confederação como segue:

c) — O artigo 30 passará a ter a seguinte redação:

«O mandato do Conselho Diretivo terá a duração de dois anos ou até que assumam seus cargos os membros do novo Conselho Diretivo, e para sua nomeação, se seguirão as normas estabelecidas nos seguintes artigos.»

b) — No artigo 19 substitui-se a expressão «cada ano» por «cada dois anos.»

c) — O artigo 27 passará a ter a seguinte redação:

«O Conselho Diretivo é o órgão executivo da Confederação e será formado pelo presidente, Vice-Presidente, Conselheiro e um vogal para cada membro ativo da

Confederação que não esteja ocupando outro cargo no Conselho Diretivo. Os vogais serão designados, anualmente, pelas respectivas entidades.

O Conselho Diretivo deverá reunir-se ao menos uma vez por ano.»

a) — No artigo 31 substitui-se a expressão «anualmente» por «bilateralmente.»

e) — No artigo 37 substitui-se a expressão «um ano» por «dois anos.»

f) — No artigo 33 suprime-se a expressão «dois.»

g) — O artigo 28 passará a ter o inciso VII com a seguinte redação:

«Examinar e aprovar «ad-referendum» da assembléia geral as contas previstas na letra «e» do Art. 20.»

h) — No artigo 49 substitui-se a expressão «Cruz Roja Internacional, Sección Latinoamericana» por SEPACO — Serviço Social da Indústria de Papel, Papelão e Cortiça do Estado de São Paulo, com sede a rua Antonio Carlos, 62, São Paulo, Brasil.»

i) — O Capítulo V passará a regular as comissões através dos seguintes artigos:

Art. 42 — «A Assembléia Geral e o Conselho Diretivo poderão estabelecer comissões destinadas a compilar dados estatísticos, estudos, informações, análises, projetos do setor de celulose e papel, e no possível abrangendo as experiências de todas as entidades associadas.»

Art. 43 — «Cada comissão terá funcionamento permanente e se aterá ao tema específico determinado em sua constituição e será formada por um coordenador geral e pelos coordenadores regionais correspondentes a cada um dos associados da CICEPLA. O coordenador geral deverá designar um coordenador geral suplente de preferência entre os coordenadores regionais que integram a comissão, e que deverá representá-lo em suas funções na sua eventual ausência.»

Art. 44 — «As comissões deverão reunir-se ao menos uma vez por ano e nessa ocasião apresentarão suas informações ao Conselho Diretivo. As recomendações dessas comissões serão submetidas a Assembléia Geral para adquirir validade como expressão oficial da CICEPLA.»

Art. 45 — «Quando se considerar necessário e possível, procurar-se-a um novo prazo rotativo dos coordenadores gerais das comissões.»

Nas disposições transitórias, se incluem os artigos quinto e sexto com a seguinte redação:

Quinto: «A Segunda Assembléia Geral Ordinária e a III Assembléia Geral Extraordinária da CICEPLA, reunidas na cidade do Rio de Janeiro, deliberaram, com a abstenção do voto da delegação brasileira, que o mandato do atual Conselho Diretivo, ao qual se incorporam mais três cargos de vogal, previstos no Art. 27 dos estatutos, continuará até Novembro de 1979. Na referida ocasião, em Cartagena, Colombia, se procederá a nova eleição de acordo com o Art. 30 dos Estatutos Sociais.»

Sexto: «Os efeitos previstos no Art. 49 no que se refere a entidade «SEPACO» terminarão, automaticamente, em caso de transferência da sede da Secretaria, do Brasil para outro país.»

Os estatutos sociais com sua nova redação que abrangerá as modificações, serão enviados oportunamente a todas as Entidades membros da CICEPLA.

A Assembléa tomou conhecimento dos trabalhos realizados pelas comissões, aprovando suas conclusões e recomendações, assim como as seguintes propostas do Conselho Diretivo:

- a) Aprovar relatório da situação financeira no qual consta que as reservas da CICEPLA em 30 de Outubro de 78 somam US\$ 29.971.
- b) Aprovar a proposta orçamentária para o período 78/79 que prevê um total de US\$ 21.000.— e que com base nas produções de celulose e papel em 1976, deverá ser coberta na seguinte forma, sendo a cota mínima de US\$ 2.000. Ao Brasil decidiu-se atribuir uma cota de US\$ 4.200,00 em vista de que este País absorverá, por sua conta, mais US\$ 19.200.000 correspondentes a diferença entre as entradas e saídas previstas para 78/79.

Brasil	US\$ 4.200.—
México	4.800.—
Argentina	2.000.—
Chile	2.000.—
Venezuela	2.000.—
Colombia	2.000.—
Peru	2.000.—
Equador	2.000.—
	US\$ 21.000.—

No cumprimento das respectivas disposições estatutárias, a Assembléa, procedeu a nomeação do Conselho Diretivo da CICEPLA que permanecerá por mais um ano, ao qual somam três vogais, com a expressa abstenção da delegação do Brasil conforme declaração do Sr. Samuel Klabin, que somente alterou sua anterior decisão negativa frente aos veementes apelos das delegações presentes.

O Conselho Diretivo ficou constituído da seguinte forma: Presidente: Samuel Klabin (Brasil), Vice-Presidente: Jesus Guevara (Colombia), Conselheiro: Jorge A. Aceiro (Argentina), Vogal: Carlos Sosa Febres (Venezuela), Vogal: Oswaldo Silva M. (Peru), Vogal: Bienvenido Ulloa Fernandez (México), Vogal: Ernesto Ayala (Chile).

Apesar de reconhecer a validade e a qualidade da contribuição da delegação peruana, que propôs a criação de uma comissão para assuntos de relação do trabalho, aprovou-se um substitutivo no sentido de incumbir a comissão III de elaborar um questionário para todas as entidades membros da CICEPLA para recolher informações acerca do tema. Nesse trabalho de elaboração, recompilação e interpretação de informações, a Comissão III contará com a colaboração do Sr. Jorge Pitta, do Peru.

Quanto a proposição de confecção de um dicionário celulósico-papeleiro multilíngue, já sugerido em virtude da importância e da conveniência de tal obra para o setor dentro da América Latina, a comissão II, que propôs o assunto deverá preparar um informe resumido, mencionando o custo total e a cota prevista que caberá a cada país, o que será enviado aos associados da CICEPLA pela secretaria executiva, para resposta no prazo de 90 dias.

Fixou-se uma reunião das comissões para o mês de Junho de 1979, que será realizada em Caracas, Venezuela; a próxima Assembléa Geral Ordinária na qual se nomeará o novo Conselho Diretivo, realizar-se-a em Cartagem, Colombia, em Novembro de 1979.

Acompanham a presente ata os seguintes anexos:

3) — Textos das mensagens recebidas:

- Dr. Benedito Moreira
- Sr. Ramón de Ycaza Cucalón
- Sr. Svend Haugaard, Oficial coordenador do Grupo de Planificação e Desenvolvimento das Industrias Florestais na América Latina.
- Secretaria geral da Organização dos Estados Americanos.
- Sr. Daniel Mesa Bernal, secretário executivo interino da Associação Latino Americana de Livre Comércio.

2) — Texto do discurso inaugural pronunciado pelo Sr. Samuel Klabin.

- 3) — Texto do discurso do Sr. Jorge A. Aceiro pronunciado na seção inaugural.
- 4) — Informes, conclusões e recomendações das comissões.
- 5) — Informe preliminar da situação financeira e previsão de entrada e saída para o exercício de 1977/78.
- 6) — Texto do discurso pronunciado pelo Sr. Max Feffer, na seção de encerramento das Assembléas.
- 7) — Texto do discurso pronunciado pelo Sr. Samuel Klabin na seção de encerramento das Assembléas.
- 8) — Texto do discurso pronunciado pelo Sr. Ernesto Ayala O. na seção de encerramento das Assembléas.
- 9) — Lista de participantes da II Assembléa Geral Ordinária.

Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1978.

COMISSÃO !

LEGISLAÇÃO E PROMOÇÃO FLORESTAL

Coordenador Geral: Victor Giraldo (Colombia).

Coordenadores: Hector Reuter (Argentina), Antonio Lopes (Brasil), David Opazo (Chile), Roberto Perez (México), Jorge Loayza (Peru), e Carlos Sosa (Venezuela).

INTRODUÇÃO

Para dar cumprimento as resoluções da primeira Assembléa Geral Ordinária da CICEPLA, reunida em San Carlos de Bariloche (Argentina), com respeito a recompilação e elaboração de informações sobre custos, crescimento e rentabilidade de plantações florestais, esta comissão preparou, na reunião de coordenadores reunida em Lima (Peru), um temário de pontos referentes aos itens que integram os custos de plantação, manutenção, aproveitamento e transportes.

Os quadros comparativos de informações apresentados pelos países são o resultado dos trabalhos da comissão os quais submetemos a vossa apreciação e consideração.

Os coordenadores ficam com uma coleção de informes de cada país, para consulta futura e esclarecimento, sendo estes documentos de grande valor.

Simultaneamente e dentro dos principios que animam a CICEPLA, submetemos também à vossa consideração uma recomendação, para que os integrantes da Comissão atuem como assessores das entidades nacionais membros, a nível dos respectivos governos, como uma forma de aproveitar as experiências e o material informativo acumulado em prol do desenvolvimento do setor florestal em toda América Latina.

Sendo que algumas entidades não tenham proporcionado todas as informações solicitadas, sugere-se que seja enviada a secretaria da CICEPLA, para que a processe e distribua aos países membros.

TERRAS — Aquisição

É a possibilidade de obter terras em propriedades para nelas realizar plantações.

Importante:

Varição entre limites muito amplos, de acordo com a distância, qualidade, tendência, produtividade, etc.

Possibilidade de Aquisição:

Argentina, Colombia, Chile, México, Uruguay, pode-se adquirir.

No Brasil pode-se adquirir com limitações. Para empresas estrangeiras é necessário que o governo aprove previamente o projeto.

No Peru, pode-se obter concessões na parte da selva até 200.000 hectares.

Na Venezuela não.

Recomendações:

Para os países onde a aquisição de terras não é permitida, é necessário aprovação dos projetos florestais pelo governo.

Arrendamento:

Na Argentina, Brasil, Colombia, Chile e Uruguay sim, no México, Peru e Venezuela não.

Esta figura legal é altamente recomendada nos países onde não se tem possibilidade de aquisição de terras. Há modelos de contrato no Brasil que operam com êxito.

Concessões:

Na Argentina, Brasil, Colombia, Chile, Peru e Uruguay sim, no México e Venezuela não.

Esta modalidade raramente ocorre porque as terras concessionáveis normalmente estão muito distantes dos lugares aceitáveis para estabelecer-se plantações de celulose.

Associação:

Na Argentina, Brasil e Uruguay é possível, porém não é praticável.

No Chile e Colombia é possível, no México não, porque as propriedades são de pouca extensão, no Peru não, mas em caso de cooperativas haveria possibilidades, na Venezuela é possível por intermédio de CONARE nas terras do IAN (1).

Em conclusão, é uma modalidade difícil de se chegar a praticar.

CUSTOS DE IMPLANTAÇÃO EM US\$

Gastos de medição e topografia:

É um custo muito baixo por hectare: vários países tem tabelas de custo de agrimensura, outros fazem diretamente. A situação ideal é o uso da cartografia oficial.

Estudos de solos:

Idem a anterior. Como já se assinalou nas conclusões da reunião de Santiago do Chile, faltam mais estudos e mapas de uso do solo, especialmente com destino florestal.

Gastos Legais:

De 1 a 3% do valor da transação.

Impostos:

A legislação é diversa. Há países que não cobram impostos por transferência de terras, outros cobram até 3%.

Implantação:

Preparação da terra até o plantio e replantio: (em US\$/Ha.)

Argentina	—	530 (1)	México	—
Brasil	—	410 (1)	Peru	— 180 (3)
Colombia	—	340 (2)	Uruguay	— 90
Chile	—	115 (1)	Venezuela	— 207 (2)

(1) — Não inclui a limpeza da vegetação existente, quando se faz necessário.

(2) — Planta-se terrenos sem bosques. O custo afeta-se principalmente pelo tipo de solo, topografia e o custo de mão de obra.

(3) — Não inclui combate a praga, nem fertilização.

Plantio:

Em médio entre 4 a 5 centavos de dólar por planta.

Manutenção de Plantação — em US\$/hectares e por ano

	1	2	3	outros anos
Venezuela	1	2	3	—
Uruguay	157	82	17	17
Peru	75	61	48	12
México	41	18	52	16
Chile	60	15	15	15
Colombia	—	—	—	—
Brasil	405	(Total por ano)	—	—
Argentina	31	27	0.6	0.6
	11	11	11	—

Segunda Colheita: (em US\$)

	1º ano	2º ano e seguintes	
Argentina	—	75	14
Brasil	—	75	12
Uruguay	—	60	0.6

nos demais países não há experiências com a segunda colheita.

INDICES DE PRODUTIVIDADE E CUSTOS:

Comparação de custos de aquisição de equipamentos: (em milhares US\$)

	Trator			Moto-serra
	50 H.P.	D.4	D.6	
Argentina	11	74	122	8
Brasil	10	48	90	6
Colombia	17	85	125	7
Chile	—	—	—	—
México	—	—	—	—
Peru	—	—	—	—
Uruguay	13	—	—	—
Venezuela	—	—	—	—

Custos de Operação por hora (em US\$)

	Trator			D.7	Moto-serra
	59 H.P.	D.4	D.6		
Argentina	2.7	15.4	24	40	1.1
Brasil	7.5	20	35	53	1.80
Colombia	6.5	25	50	—	1.50
Chile	—	—	—	—	—
México	—	—	—	—	—
Peru	—	—	—	—	—
Uruguay	3.13	—	—	—	1.9
Venezuela	—	—	—	—	—

Sementes

	Argentina (1)	Brasil (2)	Colombia (3)	Chile
EUCALIPTOS				
US\$/kg	5	30	38	—
Postura	40.000	50-70.000	50-60.000	—
PINUS				
US\$/kg	10	40	90	—
Postura	12.000	12-15.000	30.000	—

(1) — Semente nacional

(2) — Custo médio de semente nacional e importada

(3) — Semente importada

Produção do bosque (estéreo/ha por ano)

	Eucaliptos	Pinus
Argentina	37	30
Brasil	30	25
Colombia	25	20
Chile	—	—
México	—	—
Peru	—	20
Uruguay	25	20
Venezuela	—	—

PREÇO DA MADEIRA (US\$ por estéreo)

	Argentina	Brasil	Colombia	Uruguay
Eucalipto:	(1)	(2)		
Celulose	7	6.5	10	10.6
Serraria	11	15	—	15.9
Carvão	—	6	—	—
Pinheiro:				
Celulose	7	—	12	10.6
Serraria	12	—	17	15.9

(1) Empilhada à beira do caminho com casca.

(2) Valor da madeira em pé.

Despesas de extração (em US\$)

Argentina	7.00	México	—
Brasil	3.50	Peru	—
Colombia	4.00	Uruguay	2.45
Chile	—	Venezuela	—

Transporte (centavos de dólar por estéreo/quilometro)

Argentina	3.8	—	5.8	México	—	—
Brasil	3.00	—	3.15	Peru	—	—
Colombia	5.6			Uruguay	—	9.11
Chile	—			Venezuela	—	—

IMPOSTOS

Na maioria dos países não existe nenhum imposto ou taxa para movimentação de produtos florestais procedentes de plantações, mas existem formulários especiais, chamados «Guias Florestais». Recomenda-se simplificar ao máximo a emissão dessa documentação, tal como sucede no Brasil, onde o documento foi substituído por selo no verso da nota de remessa de transferência.

Custo de Combustíveis: US\$/litro

	Diesel	Gasolina	Lubrificantes
Argentina	0,20	0,26	0,88
Brasil	0,20	0,42	1,5
Colombia	0,094	0,112	0,74
Chile	—	—	—
México	—	0,12	0,60
Peru	0,034	0,17	1,45
Uruguay	0,20	—	0,80
Venezuela	—	0,035	0,35

Preço dos Caminhões: US\$

Capacidade	10t.	15t.
Argentina	31.200	52.600
Brasil	15.000	22.000
Colombia	23.750	51.500
Chile	—	—
México	—	—
Peru	—	35.000
Uruguay	30.300	37.900
Venezuela	28.000	51.200

RECOMENDAÇÕES

Tendo em conta que nas sucessivas reuniões havidas desde a constituição da CICEPLA, a primeira Comissão sobre legislação e promoção florestal teve oportunidade de realizar uma importante coleta de informações qualificadas, não somente sobre a realidade florestal da América Latina, mas também sobre os problemas e dificuldades de diferentes tipos que travam e entorpecem o desenvolvimento florestal e industrial dos nossos países.

Os integrantes dessa comissão demonstraram um grande conhecimento das suas respectivas realidades nacionais, daí porque suas experiências são potencialmente valiosas para o aperfeiçoamento da política florestal e solução de problemas similares iguais aos já acontecidos em alguns dos países.

Esta experiência e colheita de antecedentes poderia ser capitalizada positivamente pelo assessoramento daqueles países, cujas entidades nacionais membros solicitarem da CICEPLA aquela colaboração.

Para tanto se recomenda e propõe:

1 — A CICEPLA por intermédio de sua secretaria executiva manterá atualizada e completará a informação reunida até a presente data.

2 — Utilizando o conhecimento e a experiência de seus membros, a CICEPLA oferecerá sua assessoria em matéria florestal às entidades nacionais que a solicitarem, ou por seu intermédio a funcionários dos governos mediante reuniões conjuntas com o objetivo de introduzir melhoras na legislação e incentivos, assim como a eliminação de fatores negativos que possam afetar o desenvolvimento do setor florestal.

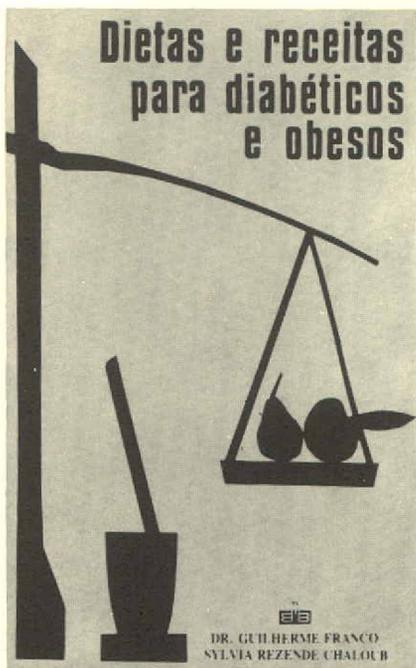
3 — Com o objetivo de institucionalizar estas atividades, a CICEPLA deverá solicitar à FAO o seu reconhecimento como organismo consultor em assuntos de legislação e promoção florestal para a América Latina. Ao mesmo tempo que permitirá orientar a ação do dito organismo no sentido dos objetivos comuns.

4 — Como complemento do acima proposto é sugerido que as reuniões dos coordenadores e membros das comissões se realizem no país que tenha solicitado a assistência da CICEPLA junto ao seu respectivo governo.

FINANCIAMENTO

	Montante	Prazo	Taxa	Garantia
Argentina	70-80% do custo aprovado até 1 milhão de polares	8/15 anos de acordo com o ciclo de corte	De 4 a 6% com correção monetária	Real Hipoteca
Brasil	desde 100% até 75% do custo aprovado pelo I.B.D.F.	5 anos	13 a 21% ao ano sem correção monetária	Várias
Colombia	Implantação até 375US\$ hectare Manutenção até 2000US\$ hectare.	De acordo com o ciclo de corte.	16% anual em pesos assim: 4% pagáveis anualmente e 12% de acordo com o ciclo de corte acumulativo não composto.	Real (hipoteca).
Venezuela	85% do montante total da plantaçao.	De acordo com o ciclo de corte.	8-10% em moeda nacional.	A mesma plantaçao e outras garantias a discutir.

No próximo número voltaremos ao assunto apresentando os trabalhos desenvolvidos pela comissão II apresentados na segunda assembléa geral.



DIETAS E RECEITAS PARA DIABÉTICOS E OBESOS — Dr. Guilherme Franco e Sylvia Rezende Chaloub — 1976 — 402 págs. — Emebê Editora Ltda.

Não se trata de um simples livro de receitas e nem tão pouco de uma obra que apenas possa interessar a diabéticos e obesos, como o título parece sugerir.

Ele tanto interessa a médicos e estudantes como também às donas de casa.

Não é apenas um livro para ser consultado eventualmente, mas para ser lido face aos esclarecimentos valiosos que encerra.

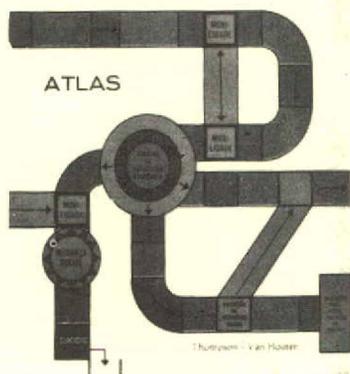
Ambos os autores dispensam apresentação. O Dr. Guilherme Franco, conhecido médico nutrólogo, já nos brindou com o livro "Tabela de Composição Química dos Alimentos", com diversas edições e Sylvia Rezende Chaloub é a co-

nhecida autora de "Receitas e Dietas Balanceadas de Emagrecimento".

Na primeira parte, o livro discute sobre o Diabete e a Obesidade, na segunda, encontramos as receitas, a indicação do valor calórico dos alimentos, bem como a quantidade de glicídios, protídios e lipídios de cada um. Nas páginas finais, valiosas informações, especialmente uma orientação da maneira como devem ser feitas as substituições dos alimentos dos cardápios na dieta. É, enfim, uma obra onde a ciência se junta ao regime alimentar que é sem qualquer dúvida, de grande utilidade tanto para as atividades caseiras, como para os próprios nutrólogos, explicando e orientando os hábitos alimentares, que na maioria das vezes se inclinam a provocar doenças e desequilíbrios físicos, cuja proveniência depois se desconhece.

AS CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO

Uma Interpretação



AS CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO — Uma Interpretação -- James D. Thompson e Donald R. Van Houten — Tradução: Maria Heloisa Chaves Cappellato — 1975 — 1.a Edição — 222 págs. — Editora Atlas — SP.

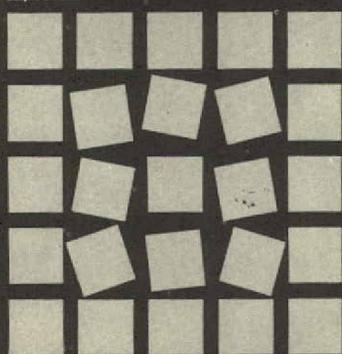
Os autores são respectivamente professores da Vanderbil University e University of Oregon, USA. A obra versa sobre o estado atual do comportamento e a projeção de suas possibilidades futuras. Divide-se em quatro partes (doze capítulos): *Modelos e conhecimento*, estuda os modelos de homens, ambiente e desenvolvimento da personalidade, *O HOMEM ATRAVÉS DO TEMPO E ESPAÇO*, aborda a diferenciação social, esferas de

ação e projeção futura e propriedades e estratégia. O **COMPORTEAMENTO IMEDIATO**, seu tópico mais importante versa sobre a personalidade nas atividades cotidianas e tomadas de decisões e finalmente **SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E MUDANÇAS ENFOCA A PARTICIPAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E MUDANÇAS SOCIAIS**. No seu epílogo enfatiza as tendências sociais contemporânea no capítulo homem, sociedade e futuro. Para um melhor entendimento da obra. Os autores exemplificam a matéria com tabelas e gráfico. Os indispensáveis para as Cadeiras de Administração, Pedagogia e Sociologia.

Formação de Preço

F. Livesey

Edição Saraiva



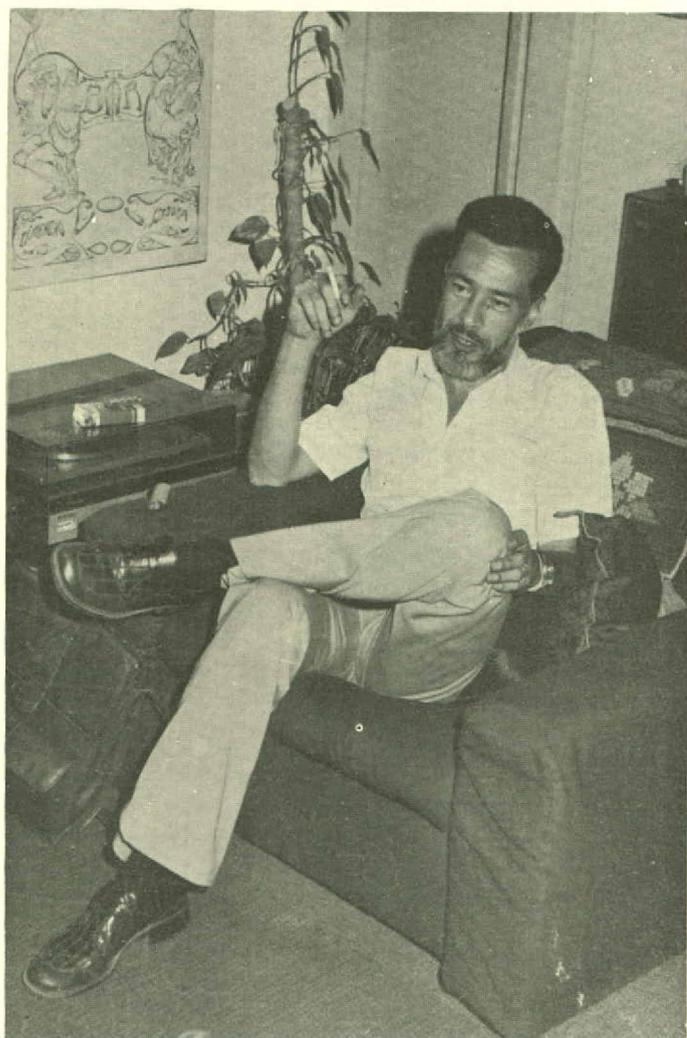
FORMAÇÃO DE PREÇOS — F. Livesey, conf. da Universidade de Mancheste — USA. — Trad. Auriphebo Berrance Simões — Rev. Técnica: Luiz Carlos Teixeira de Freitas e Roberto Simões — 1978 — 150 págs. — 1.a Edição — Edição Saraiva.

O autor apresenta um quadro inteligível e integrado dos vários componentes que contribuem para a formação final do preço do produto. A análise de cada tópico que incide sobre a formação do preço é analisado separadamente para explicar melhor o resultado final, assim são analisados custos de matéria-prima, política de custos, incidência de impostos, estrutura de mercado, mercado consumidor, mercado aberto e outros elementos.

Os principais tópicos abordados

são: objetivos e restrições, mod. básico de Determinação de preços; Diferenciação de produto; Componente de Marketing; Consciência e sensibilidade do consumidor; Custos e Preços; Form. de Preço Diferencial; Preço Promocional; Formação de Preço-ciclo de Vida do Produto e Paralinha de Produtos; Preços para proposta de Concorrência; Preços de Transferência; Preço de Varejo; Restrições Legais às decisões de Preços (Apêndice Brasileiro); Aspectos Legais do preço no Brasil e Formação do preço: Arte ou Ciência. Destaque para o tópico que trata da Formação do preço nas multinacionais. Indicado para o uso de profissionais em Marketing e a Administração, ou livro complementar para Curso daquelas matérias.

Pena, Pincel & Cinzel



OSMAR FONSECA

Osmar Fonseca, artista do Rio, que acaba de receber o 1.º Prêmio de Desenho no II Salão Carioca, iniciou sua carreira artística pintando, a óleo, paisagens do Rio, e do interior de Minas Gerais. Durante uma longa estadia na França, entre 1963 a 1968 começou a se dedicar ao desenho, nunca mais abandonando esta técnica de expressão plástica. Trabalhou, no entanto, durante quatro anos em uma pesquisa em cartão, explorando jogos de luz e sombra, trabalhos que lhe valeram prêmios, o do II Concurso de Artes Visuais



OSMAR FONSECA

de Goiás, e o Prêmio Banco Nacional de Habitação no Salão da Casa da Bahia, realizado no Rio. Mas para Osmar Fonseca, a forma privilegiada de expressão artística continua sendo o traço do nankin negro sobre o papel branco.

Ainda na Europa, e levado talvez pela saudade, começou a desenhar touros, ligados em sua concepção estética com a cultura da cerâmica popular do nordeste; são rebanhos que se ordenam na página como uma escrita, um texto.

Depois de sua volta ao Brasil, permaneceu dois meses em Belém do Pará, e visitou a ilha de Marajó. Entusiasmado pela beleza plástica dos desenhos da cerâmica indígena. Osmar Fonseca, passa a dar ao seu trabalho bases de raízes culturais nossas, as mais profundas. Partindo das formas estáticas da cerâmica, esgarçando-as, dando-lhes movimentos, Osmar Fonse-

nossos sonhos, das nossas ansiedades e da nossa realidade. — Para mim, diz Osmar Fonseca, significam o “design” indígena no nosso mundo de hoje.

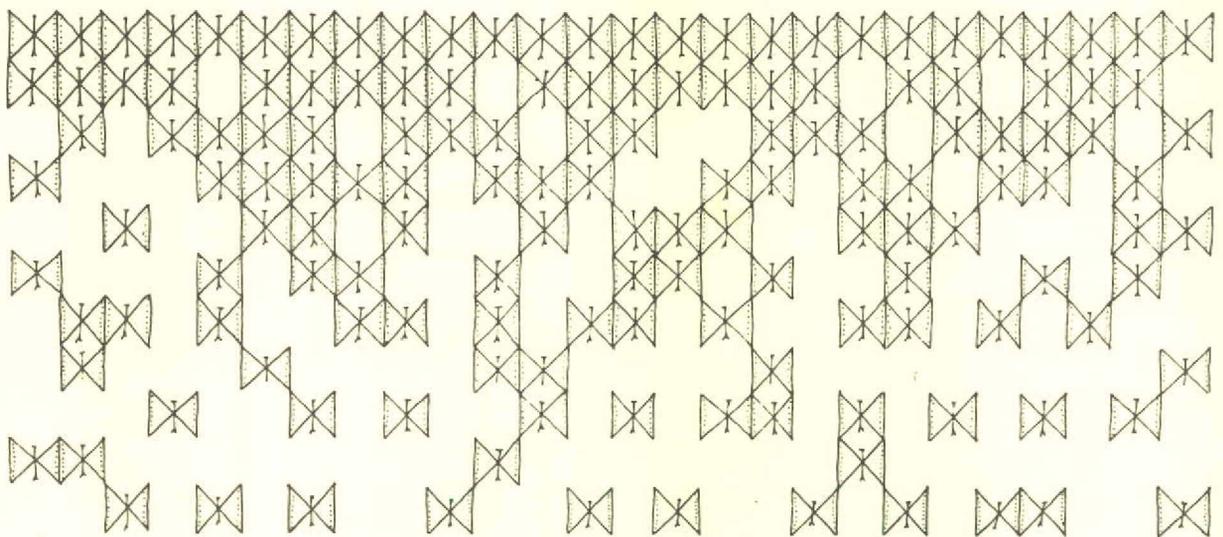
OSMAR FONSECA

1955/57/59/68/69/70/73/74/75, Salão Nacional de Arte Moderna, Rio. 1968, Salão de Belas Artes de Belo Horizonte. Salão Paranaense, Curitiba. Salão da Bússula, MAM, Rio. 1970, Salão de Verão, MAM, Rio. Salão de Arte Contemporânea de Campinas, São Paulo. “Dois Artistas Cariocas”, Galeria Nêga Fulô, Recife. 1971, Salão Eletrobrás, MAM, Rio. **Prêmio Prefeitura de Belo Horizonte**, Salão de Arte de Belo Horizonte. 1972, Salão de Arte Contemporânea de Campinas, São Paulo. 1973, “Três Artistas”, Galeria Atelier e “O Rosto e a Obra”, Galeria Grupo B, Rio. “Três Desenhistas”, Galeria Campo, Niterói. 1974, Panorama de Arte Atual Brasileira, MAM, São Paulo. “Doze Desenhistas Cariocas”, Galeria Maison de France, Rio. 1975, **Prêmio de Aquisição de II Concurso Nacional de Artes Plásticas do Estado de Goiás**. Drawings and Prints from Brazil, Washington, USA. “Cinco Artistas”, Galeria de Arte do Instituto Brasil- Estados Unidos, Rio. 1976, “28 Artistas do Brasil”, exposição Itinerante pelo Itamarati em Colômbia, Venezuela, Equador, Chile, Peru e Argentina. Individual em Teresina, Piauí: “Dois Desenhistas”, Galeria Aliança Francesa de Botafogo, Rio. III Concurso Nacional de Artes Plásticas do Estado de Goiás. 1977, Exposição Arte Actual de Ibero America, Madrid. Participação na revista GAM, número de abril, edição especial “Artistas experimentalistas Cariocas”. **Prêmio Banco Nacional de Habitação no II Salão Nacional de Artes Visuais da Casa da Bahia**. Exposição individual no Palácio Farroupilha, Porto Alegre, 1977. Exposição na Galeria Divulgação e Pesquisa, 1978. II.º Salão Carioca, 1.º Prêmio em Desenho, 1978.



ca consegue inserir na expressão artística de nossos dias a cultura visual indígena. Com trabalhos desta fase, obtém Prêmio no Salão Nacional de Belas Artes de Belo Horizonte.

Mais recentemente, em 1976, tomando conhecimento através de documentação, das inscrições feitas pelos índios nas paredes de pedra, de grutas na floresta amazônica, inscrições descobertas e fotografadas pelo antropólogo Henri Stalh, onde, entre diversas formas, aparecem representações de vários animais. Osmar Fonseca seleciona dois deles: o sapo e a borboleta. — Eles me parecem particularmente interessantes, pelas possibilidades de interpretações plásticas que possibilitam assim como pelo conteúdo simbólico que podem transmitir. São sapos pulando, tentando desesperadamente atingir borboletas, sapos solitários, aprisionados em nuvens-telas de borboletas, símbolos de



o sapo e as borboletas
Osmar Fonseca 1976

Lembra-te que és um ser humano !

Observa o valor dos pequenos gestos — o sorriso largo e solto, a mão estendida que se abre no gesto afetuosos.

Saiba escutar, pois nos dias de hoje ninguém ouve as vozes que nos cercam, e entenda o problema do outro, sem misturar e envolvê-lo com o nosso.

Procura trocar a palavra “conselho”, que é muito pessoal, pela de oferecer ânimo e otimismo para a realização particular de cada um.

A verdadeira comunicação está em identificar-se com os problemas alheios. Se não puderes resolvê-los, tenta ao menos senti-los, com uma frase oportuna, uma palavra amiga ou uma nobre atitude. A fraternidade não é um favor, mas uma natural tendência de nosso íntimo. Ainda é tempo de transmitir ternura ao solitário e esperança ao homem autômato dentro da multidão.

Lembra-te que és um ser humano!

Ninguém mais tem mistérios e um coração rebelde, nas ladeiras onde o “amor próprio” e o egoísmo se perdem. Enquanto disfarças a amargura no engano diário, repleta de hipocrisia, que vai podando o teu ser, pensas nas grandes soluções e esqueces do calor dos pequenos gestos.

Quando faltam explicações, tenta compreender essa ligação mais profunda entre os homens e pressentir dentro das coisas caldas, os segredos que se abrem no espaço familiar.

Não olhes as injustiças por cima dos muros do medo, transforma-as na sublime alegria do perdão — o tempo corre, foge e tudo se esquece —, leva o ardor do guerreiro e o suspiro de um deus.

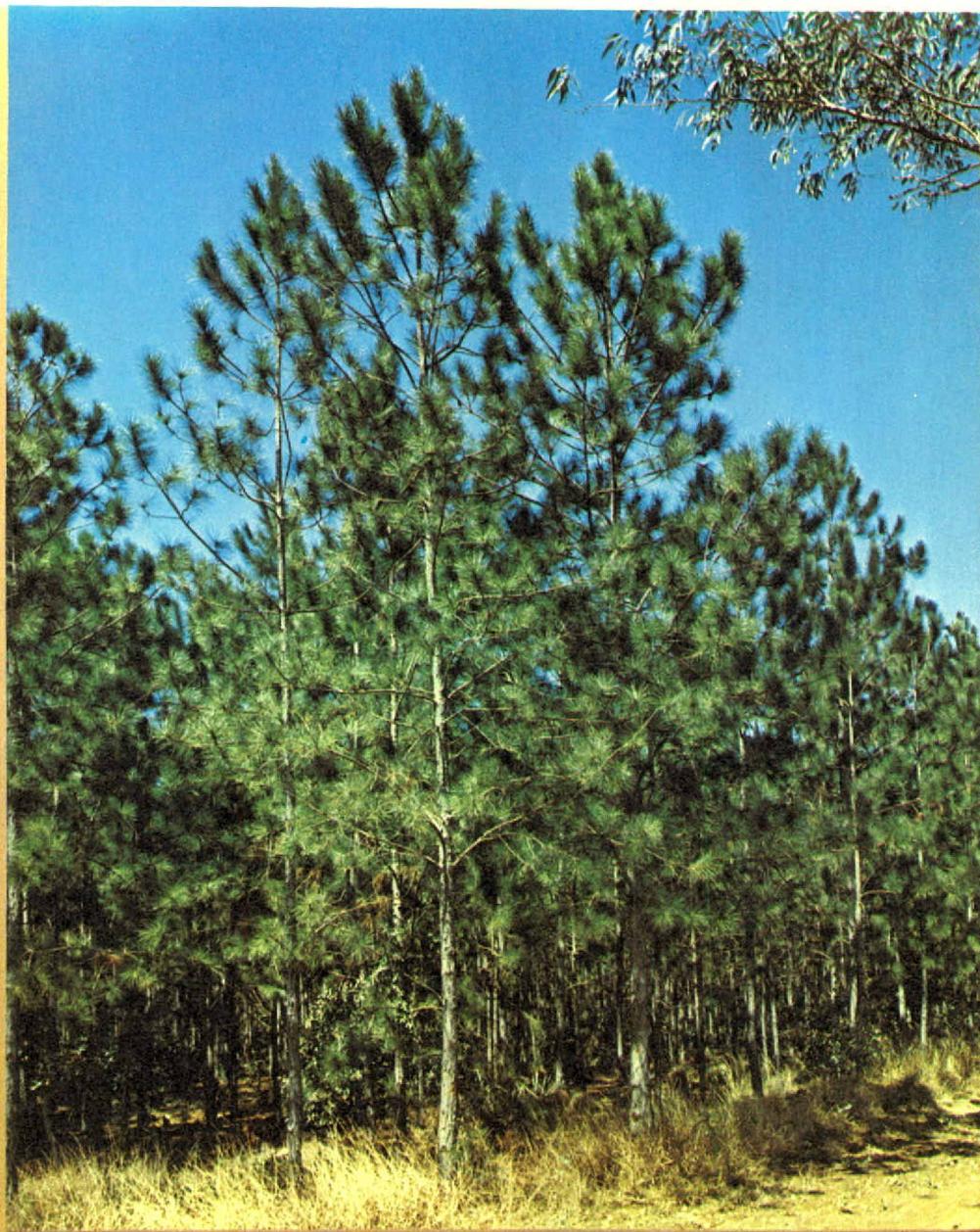
Usa o teu grito, de peito despojado, lá onde não chega a compaixão e a insensibilidade não quer nada que dê problemas.

Usa a tua mão para fazer o gesto inacabado e sentido de ternura.

Lembra-te que és um ser humano!

Solta a brasa oculta e escolha os caminhos libertos dos resíduos da angústia — a gente se esconde da gente mesma.

Abra teu modo inteiro de ser e saiba dar amor, que é entregar sem saber que dá.



É COM MUITO ORGULHO QUE DECLARAMOS: MORAMOS NO MATO.

A Olinkraft conhece o valor da floresta e a implantamos com muito carinho e dedicação. Tal como os animais, a Olinkraft sabe que a floresta é a garantia do futuro e da sobrevivência. Por isso, continuamos plantando florestas para assegurarmos a presença de nossos produtos para você. Produtos que recebem tanto carinho na sua fabricação como as florestas que estabelecemos. Se você tem algum problema para resolver com celulose Kraft de fibra longa, papeis e

cartões Kraft, sacos multifolhados e caixas de papelão ondulado, consulte-nos. A floresta para garantir o futuro já implantamos.



OLINKRAFT



Olinkraft Celulose e Papel Ltda.
Av. Brigadeiro Luis Antonio, 4531 Tel.: 280-4033 São Paulo
Caixa Postal: 7577 Telex: 01121046 OCPL BR

Papel Simão dá vida a suas idéias.

Se um encarte, folheto ou material de ponto-de-venda que você cria para seu cliente, não ficar bonito depois de impresso, não culpe apenas o cromo ou a gráfica.

Lembre-se que um papel de má qualidade põe a perder todo um bonito trabalho anterior.

A linha de papéis Simão existe para você se orgulhar dos trabalhos impressos que produz.

São dezenas de tipos, que vão desde o apergaminhado até os papéis especiais feitos sob encomenda.

Todos valorizando suas idéias, por mais simples que elas sejam.

INDÚSTRIAS DE PAPEL SIMÃO S. A.
Rua Lucas Obes, 627 • Fones: 63-3464 e 63-6204

